



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCHT
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA**

CLEUMA SANTOS ALVES

**A POESIA NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO LEITOR: UM
ESTUDO NAS CLASSES DO FUNDAMENTAL I**

Jacobina-Ba

2017

CLEUMA SANTOS ALVES

**A POESIA NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO LEITOR: UM
ESTUDO NAS CLASSES DO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV Jacobina –Ba

Orientadora: Prof^ª. Ma. Márcia Regina Mendes

Jacobina-Ba

2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV Jacobina-Ba.

Orientador: Prof^ª. Márcia Regina Mendes

Aprovado em _____ de _____ 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professora Márcia Regina Mendes

Mestra em Linguística Educacional/ FLUL

Doutoranda em Estudos da Linguagem/ UFRN

(Orientadora)

Professora Crizeide Miranda Freitas

Mestra em Educação (UNEB)

Professora Girleide Ribeiro Santos

Mestra em Estudos Linguísticos (UEFS)

JACOBINA-BA

2017

Dedico este trabalho à Deus por ser a luz nos trilhos da minha vida, que fez essa jornada tranquila e serena.

A paiño, mainha, minhas irmãs, meu irmão e cunhada, por serem a melhor poesia na minha vida. São eles que me permitem tecer palavras todos os dias, costurando o tempo pelo amor que partilhamos, no riso que brilha, nas palavras que impulsionam e no toque que acolhe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido minha força quando em inúmeros momentos pensei em desistir, mas que ao longo da caminhada possibilitou tantos encontros e afetos que trouxeram chama para trilhar o caminho. À minha família, alicerce e fortaleza das horas (in) certas, em especial aos meus pais, Seu Bazinho e Dona Fá, por terem investido em minha formação, cujas mãos calejadas pelo labor do tempo, são poesias da força, do amor e do riso. Por terem acreditado, em meus sonhos, pelas palavras revestidas de proteção e sabedoria. Às minhas irmãs Cleonice Alves, Cleâne Alves, Cleidiana Alves, a meu irmão Tiago Alves, por tornarem meus dias mais aquecidos e alegres. Agradeço aos amigos (as) que sempre acreditaram em mim, em especial a Léo Moura, por todas as vezes que me incentivou a concluir esse ciclo. Agradeço imensamente à professora Márcia Regina Mendes, por contribuir para que esse momento fosse concretizado, por se comprometer em me orientar ao longo da escrita desse trabalho, grata pelos diálogos e afetos, pelo cuidado de sempre, enfim, a todos que emanaram energias e positivities para que essa chegada fosse possível, muito obrigada!

Clêuma Santos Alves

*Os poemas são
pássaros que chegam
não se sabe de onde
e ousam no livro que lê.
Quando fechas o livro,
eles alçam voo
como um alçapão
Eles não têm pouso
Nem porto; alimentam-se um instante
em cada par de mãos e partem.
E olhas, então, essas
tuas mãos vazias, no
maravilhoso espanto de saberes
Que o alimento deles já estava em ti.
(Mário Quintana).*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fotografia de produção escrita: O que é Leitura?	48
Figura 2	Momentos das produções/pintura a partir da música <i>Meninos</i> , de <i>Xangai</i> . A Fotografia abaixo: registros das produções concluídas. (primeira Oficina).	54
Figura 3	Produção escrita: Releitura poema em dupla	59
Figura 4	Produção escrita: Releitura em dupla	60
Figura 5	Produção escrita: Releitura	61
Figura 6	Produção escrita: Releitura	62
Figura 7	Produção escrita: Releitura	63
Figura 8	Momento produções: O espaço onde vivo	69
Figura 9	Produções: Onde vejo poesia?	74
Figura 10	Conclusão Oficinas	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Estrutura/esquematização das Oficinas	20
Quadro 2 - Identificação dos colaboradores	52

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema *A poesia na formação da subjetividade do leitor: Um estudo nas classes do fundamental I*. A pesquisa aconteceu em uma rede particular de ensino, A Nossa Escola Ideal, situada em Jacobina BA, partiu da seguinte questão: de que forma o gênero poesia pode contribuir para no processo de formação de subjetividades leitoras? Para isso temos como objetivos, contribuir para o processo da revelação processo da revelação das subjetividades do leitor por meio da poesia; incentivar a leitura do gênero poesia, como “instrumento” de exteriorização de saberes; criar ambientes de leitura, mostrando as riquezas presentes para além do texto; estimular os alunos a atuarem com autonomia durante a leitura bem como na produção escrita. Os colaboradores desta pesquisa foram alunos da turma do 3º ano A do fundamental I da referida escola. Buscou-se dialogar com diversos autores, entre eles: Candido (1989); Costa (2007); Geraldi (2003); Gerbara (2012);Gonzáles Rey(2003);Kleiman (1999); Lajolo (1999); Marconi e Lakatos (2003); Marcuschi (2002); Micheletti (2002); Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa Terceiro e Quarto ciclos do fundamental I (1998); Soares (2004); Solé (1998). Para alcançar os objetivos da pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa, sua abordagem seguiu dupla perspectiva: a pesquisa-ação e a etnográfica. Foram realizadas oficinas na sala de aula da própria pesquisadora, totalizando seis oficinas. Utilizou-se como instrumento de geração de dados o questionário, a observação participante e registros escritos. Diante deste estudo e a partir da análise dos dados gerados ficou perceptível que a utilização do texto poético em sala de aula, contribui positivamente para o desenvolvimento da autonomia e olhar crítico, uma vez que estimula a imaginação dos colaboradores, criando proximidades entre texto e leitor, despertando a subjetividades desses sujeitos.

PALAVRAS CHAVE: Leitura; Literatura; Poesia; Subjetividade.

ABSTRACT

The present Work of Conclusion of Course has as its theme Poetry in the formation of the subjectivity of the reader: A study in the classes of the fundamental I. The research happened in a private network of education, Our Ideal School, located in Jacobina BA, started from the following question: in what way can the genre poetry contribute to the process of formation of reader subjectivities? For this we have as objectives, to contribute to the process of revelation process of the revelation of the subjectivities of the reader through poetry; encourage the reading of the genre poetry, as an "instrument" of externalization of knowledge; create reading environments, showing the riches present beyond the text; to stimulate students to act autonomously during reading as well as in written production. The collaborators of this research were students of the 3rd grade class A of the fundamental I of the mentioned school. We sought to dialogue with several authors, among them: Candido (1989); Costa (2007); Geraldi (2003); Gerbara (2012), Gonzales Rey (2003), Kleiman (1999); Lajolo (1999); Marconi and Lakatos (2003); Marcuschi (2002); Micheletti (2002); National Curricular Parameters of the Portuguese Language Third and Fourth cycles of the fundamental I (1998); Soares (2004); Solé (1998). In order to achieve the research objectives, qualitative research was chosen, its approach followed a double perspective: action research and ethnographic research. Workshops were held in the classroom of the researcher herself, totaling six workshops. The questionnaire, participant observation and written records were used as data generation tool. Given this study and based on the analysis of the data generated, the use of the poetic text in the classroom positively contributed to the development of autonomy and critical look, since it stimulates the imagination of the collaborators, creating proximity between text and reader, awakening the subjectivities of these subjects.

KEYWORDS: Reading; Literature; Poetry; Subjectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. PRIMEIROS PASSOS: um olhar de pesquisa (ação).....	16
1.1 Percurso Metodológico	16
1.2 Método.....	16
1.3 Geração de Dados.....	18
1.4 Contexto da Pesquisa.....	19
1.5 Colaboradores da Pesquisa.....	19
2. O QUE É LEITURA? Um caminho de aventuras.....	22
2.1 A leitura para além do texto	22
2.2 A leitura <i>versus</i> sociedade globalizada.....	26
2.3 Formar leitores: para além do espaço escolar.....	28
2.4 Gênero textual: Diálogos discursivos.....	32
2.5 O que é lê literatura?.....	34
2.6 Literatura: caminhos e trajetórias.....	39
2.7 A poesia como espaço de produção de subjetividades.....	42
2.8 Quem és tu subjetividade?.....	45
3. ENTRE OLHARES E DIZERES: a escrita dos alunos.....	48
3.1 O que enxergamos a partir da poesia?.....	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
6. APÊNDICES A	83
7. APÊNDICES B	95
8. ANEXOS.....	98

INTRODUÇÃO

A leitura abre portas para mundo, sendo resultado das relações estabelecidas entre os sujeitos, indo muito além da habilidade de decodificar. Ler é enxergar o outro, refletir a realidade, ser voz atuante na sociedade. Portanto, a leitura deve ser um ato prazeroso, uma prática social que instiga e possibilita resignificar e transformar aquilo que se lê em caminhos de saberes, despertando o sujeito para suas subjetividades que lhe permite expressar suas ideias e perspectivas.

O hábito da leitura expande horizontes, proporciona descobertas e contribui no processo de formação do sujeito para que sejam críticos dentro do contexto social no qual estão inseridos, percebendo a si e ao outro. Logo, tudo começa na curiosidade que impulsiona as buscas a partir do texto, atribuindo sentidos a questões que não estão explícitas. Assim, essa pesquisa ‘germinou’ pela curiosidade em relação ao processo de formação leitora, dando enfoque ao trabalho com o gênero poesia e como essa pode atuar na subjetividade do leitor. A escolha do gênero se deve primeiramente por ser algo que faz parte do meu cotidiano leitor, desde tempos outros, quando começava a perceber o mundo e principalmente por acreditar na força e contribuições que esse gênero pode despertar nos seus leitores, ao permitir que seus sentidos despertem.

Diante dessas considerações, o presente trabalho sobre *A poesia na formação da subjetividade do leitor: Um estudo nas classes do fundamental I*, é o resultado de pesquisas teóricas e reflexões etnográficas sobre o espaço ocupado pela leitura no contexto escolar, além de minhas inquietações enquanto estudante de graduação, bolsista do Pibid e professora do Fundamental I na rede particular de ensino. Partindo assim da seguinte questão: de que forma a poesia pode contribuir no processo de formação de subjetividade leitora?

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral contribuir com o processo da revelação das subjetividades do leitor por meio da poesia. Como objetivos específicos pretende-se: incentivar a leitura do gênero poesia, como “instrumento” de exteriorização de saberes; criar ambientes de leitura, mostrando as riquezas presentes para além do texto; estimular os alunos a atuarem com autonomia durante a leitura bem como na produção escrita.

Ao longo das aprendizagens como estudante de graduação, os acessos a outras leituras enriqueceram minha formação, pelas discussões dentro do espaço universitário e para além

dele, e por meio dos quais, enveredei para outras oportunidades, como o programa de Iniciação à Docência - PIBID, através deste passei a vivenciar a realidade da comunidade escolar, estando diante do desafio de pensar a prática docente, e criar estratégias de leituras, perceber que estar em sala de aula não se resume a exigir que os nossos alunos escutem apenas o que mediamos, mas sim, ouvi-los também. O programa nos auxiliou a pensar nosso papel de mediador pesquisador, evidenciando para os alunos que a leitura não é algo distante uma vez que também somos leitores ativos. A partir das experiências no projeto alguns trabalhos acadêmicos foram produzidos e apresentados, sempre nessa perspectiva da docência e leitura.

Enquanto docente do fundamental I as aprendizagens aconteceram pelo contato inicial com os alunos, pelas trocas partilhadas entre nós ao longo do ano letivo. Uma experiência que aconteceu, nos primeiros encontros em sala de aula, por elos estabelecidos e motivados pela necessidade de conhecer o público e criar uma ponte de diálogos, partilhas e saberes.

A mediação do professor é fundamental, portanto, para formar o leitor proficiente. Isso significa que, para o leitor ainda em formação, é preciso que os objetivos de leitura sejam estabelecidos pelo professor, o que implica, em primeiro lugar, a escolha adequada dos textos a serem lidos em sala de aula [...] (DEPIETRI, 2009, p. 53).

Diante disso, esse estudo teve como base o texto poético e sua receptividade no espaço escolar, com a perspectiva de incentivar a leitura pelo prazer. A poesia oferece subsídios para que o sujeito se sinta acolhido e dialogue com suas leituras, ao tempo em que oferece possibilidade de transformar, despertando a partir de toda natureza criativa em meio a vivências plural e imaginativa, contribuindo para as construções subjetivas do leitor. Os textos são tocáveis e por entre as palavras existe um universo a ser descoberto, é necessário que essas palavras ganhem vida e só o leitor pode proporcionar isso, de que forma? Cada leitor terá sua própria forma de deixar as palavras fixas no texto fluírem e serem resignificadas.

Por acreditar na relevância desse tema, pretendo contribuir para a discussão sobre a utilização da poesia na sala de aula, no que confere a formação de leitores ativos, para a compreensão de sua importância e da prática social/discursiva que o envolve.

Para uma melhor estruturação este estudo foi organizado da seguinte forma: na introdução há algumas reflexões sobre o tema proposto, as razões da escolha do mesmo e a relevância deste estudo. No primeiro capítulo é discutido o percurso metodológico, utilizado para

realização da pesquisa, a caracterização dos colaboradores e contexto da pesquisa. No segundo capítulo, apresento as discussões/reflexões teóricas sobre o tema: a leitura para além do texto; A Leitura *versus* sociedade globalizada; Formar leitores: para além do espaço escolar; Gênero textual: Diálogos discursivos; O que é Lê Literatura?; Literatura: caminhos e trajetórias; A poesia como espaço de produção de subjetividades; Quem és tu Subjetividade?

O terceiro capítulo, está direcionado à análise dos dados da pesquisa, vamos descobrindo como as nossas questões iniciais foram sendo respondidas.

A base teórica que fundamenta as discussões nos capítulos é composta por autores como: Candido (1989); Costa (2007); Geraldi (2003); Gerbara (2012); Gonzáles Rey (2003); Kleiman (1999); Lajolo (1999); Marconi e Lakatos (2003); Marcuschi (2002); Micheletti (2002); Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa Terceiro e Quarto ciclos do fundamental I (1998); Soares (2004); Solé (1998).

Por fim, tem-se nas considerações finais, as nossas reflexões sobre o trabalho proposto, verificando se os objetivos foram alcançados e/ou não deixando uma reflexão a partir dos mesmos.

PRIMEIROS PASSOS: Um olhar de Pesquisa(Ação)

1.1 Percurso metodológico

Ao realizar determinado estudo é importante estruturar os passos a serem seguidos, norteando assim, os caminhos da pesquisa, e sempre que necessário retomá-los. Para Fonseca (2002) “*methodos* significa organização, e *logos*, sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos [...]” (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009,p.12).

Assim sendo, para desenvolver uma discussão acerca do tema *A poesia na formação da subjetividade do leitor: um estudo nas classes do fundamental I*, e para apresentar o trabalho desenvolvido foi essencial definir quais os procedimentos metodológicos mais coerentes com a investigação estabelecida, visando alcançá-los de modo satisfatório e que responda às expectativas propostas em nossos objetivos.

Goldenberg (2004, p.11) explica que “A Metodologia Científica é muito mais do que algumas regras de como fazer uma pesquisa. Ela auxilia a refletir um “novo” olhar sobre o mundo [...]”. Sendo fundamental para as reflexões ao provocar inquietações a partir das quais se desperta o olhar científico, pesquisador, criativo, inovador e investigativo diante do mundo.

1.2 O método

O presente estudo apresenta uma pesquisa qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, o que se objetiva é compreender as relações estabelecidas entre determinados grupos sociais, logo os dados analisados não representam valores numéricos como acontece na pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa apresenta assim, características específicas, como delimitação, formulação de problemas, o pesquisador, os pesquisados, os dados e as técnicas. De acordo com Chizzotti (2005),

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto

não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2005, p. 79).

Além disso, para Bogdan e Bliken (1982, apud LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.11) salientam que essa abordagem: “[...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.” Na pesquisa qualitativa os agentes envolvidos colaboram para que a produção de conhecimento aconteça de modo eficaz.

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. (Chizzotti, 2005, p.82).

O pesquisador não se restringe a alguém que passivamente observa e relata acontecimentos em determinado ambiente de estudo, ao imergir no cotidiano investigado, passa a percebê-lo através da prática da observação. Estabelecendo uma relação social com os pesquisados. Segundo Chizzotti,

Cria-se uma relação dinâmica entre pesquisador e o pesquisado que não será desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais. Esta relação viva e participante é indispensável para se apreender vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que são construídos pelos sujeitos. O resultado final da pesquisa não será fruto de um trabalho meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em muitas microdecisões, que se transforma em uma obra coletiva. (2005, p.83-84).

A dinâmica estabelecida entre os grupos envolvidos na pesquisa cria ‘laços’ que colaboram para que o percurso do trabalho seja efetivado por frutos do coletivo, a pesquisa qualitativa não se torna uma ação individual, mas coletiva exatamente pela representatividade que cada um possui. Sendo essa pesquisa qualitativa, sua abordagem segue dupla perspectiva: a pesquisa-ação e a etnográfica.

A primeira é uma abordagem que segue um planejamento da situação a ser investigada, para que exista cooperação por parte dos pesquisados, visando uma pesquisa de ação participativa. Segundo Thiollet (1998),

A pesquisa –ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.40).

Sendo um tipo de investigação social, existe uma participação coletiva em ao longo da investigação da problemática. O pesquisador, também assume participação na ação, seus conhecimentos de mundo das próprias observações em campo são essenciais para realização

de análise reflexiva dos dados coletados/gerados, sendo, portanto, uma pesquisa-ação construída no coletivo e não uma mera pesquisa cujo olhar se resume ao individual.

A segunda por sua vez, é compreendida como estudo direcionado a um determinado grupo social. Segundo Spradley (1979, apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 14): “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.”

Por sua vez, Gerhardt e Silveira (2009), apresentam características específicas da abordagem etnográfica:

- ✓ O uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos;
- ✓ A interação entre pesquisador e objeto pesquisado;
- ✓ A flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa;
- ✓ A ênfase no processo e não nos resultados finais;
- ✓ A visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências;
- ✓ A não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado;
- ✓ A variação do período, que pode ser de uma semana, de meses e até de anos;
- ✓ A coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório.

Assim, essas características objetivam pensar a pesquisa dentro de um contexto amplo. Ao se pensar o chão da escola como um todo, não se limitando apenas ao que é produzido dentro da sala de aula, mas essas aprendizagens foram relacionadas com outras aprendizagens para além da escola.

1.3 A geração de dados

O método de pesquisa utilizado nesse estudo foi o qualitativo, tendo como instrumento de geração de dados o questionário, a observação participante e registros escritos. Nosso foco, foram as produções realizadas pelos colaboradores, a partir das oficinas ministradas em sala pela pesquisadora. Segundo Chizzotti, (2005)

Os instrumentos de coleta de dados são: a observação participante, a entrevista individual e coletiva, o “teatro da espontaneidade”, o jogo dos papéis, a história de vida autobiográfica ou etnobiográfica, as projeções de vida, a análise de conteúdo, ou qualquer outro que capte as representações subjetivas dos participantes [...] (p. 89-90).

Ainda sobre este instrumento, Chizzotti (2005, p.89) salienta que: “Os dados são colhidos iterativamente, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos [...]”. Em nossa pesquisa, não colhemos dados, fizemos um processo de

geração, no qual estes, vão sendo analisados e validados seguindo critérios confiança e flexibilidade, uma vez que todos os envolvidos são responsáveis por essa geração que será refletida e analisada ao longo da pesquisa.

1.4 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma rede particular de ensino, Nossa Escola Ideal, local onde leciono, fica localizada em Jacobina (BA), Na Rua Ernesto Pires, nº 97, Bairro dos índios, com os alunos do 3º ano A do ensino fundamental I, no período Vespertino. A referida escola atende ao público até o nono ano do ensino fundamental II. A escolha aconteceu, por observar certo interesse dos colaboradores pelo gênero poesia, buscando assim, aproximá-los ainda mais desse universo poético.

Uma vez que sou pesquisadora e também docente da escola, apresentei meu projeto à coordenação pedagógica que de pronto aceitou, também apresentei à turma e aos seus responsáveis para que conhecessem o tema, objetivos e proposta, solicitando assim, autorização por escrito para realização da pesquisa e para que todo material produzido por seus filhos, fossem utilizados pela pesquisadora no presente trabalho. O estudo foi desenvolvido a partir do gênero poesia e suas contribuições no processo de formação de leitores, bem como sua significação no despertar das subjetividades.

1.5 Colaboradores da pesquisa

No intuito de contribuir com o processo da revelação das subjetividades por meio da poesia, o olhar dessa pesquisa foi direcionado para o público infantil, na faixa-etária de oito anos e nove anos, sendo a turma composta por quinze alunos. A escolha aconteceu por existir o contato com a turma desde o início do ano letivo, visando investigar o objetivo já citado. Segundo Bortoni Ricardo (2008, p. 194): “Mostra ao professor que é possível realizar pesquisa em sua sala de aula, na comunidade escolar da qual participa, enfatizando o processo de aprendizagem.” A aprendizagem que vai sendo construída no contexto social escolar e fora do chão da escola, pois os alunos trazem consigo vivências e levam tantas outras partilhadas em sala, em construções de saberes coletivos. Ainda seguindo Bortoni Ricardo (2008, 194) o processo de aprendizagem segue três questionamentos básicos:

- O que está acontecendo agora?
- O que as ações que estou observando significam para os sujeitos envolvidos?

- Que relações existem entre as ações do microcosmo escolar e as ações sociais mais amplas?

A pesquisa se desenvolveu a partir de oficinas de Poesias, devido a sua importância no despertar a imaginação do leitor, possibilitando ampliar o olhar crítico diante do contexto social que participam constantemente, dentro e fora do ambiente escolar.

Diante disso, as ações foram (re) pensadas para além do “microcosmo” escolar, pois os alunos começaram a trazer e levar poesia criando uma ponte de saber escola-família, semeando partilhas entre dois contextos sociais que devem caminhar juntos, em prol de caminhos de aprendizagens que precisam e devem ser refletidas a todo o momento.

As oficinas foram desenvolvidas em dias alternados, na véspera, os alunos receberam um convite, para participarem e contribuírem ao longo da pesquisa. Sendo as oficinas divididas em seis, cada uma intitulada de acordo com a proposta/ discussão do dia: A primeira *A poesia no chão da minha escola*; a segunda *Falando de Poesia*; a terceira *Vamos brincar de Poesia?*; a quarta *Ensaio em versos: Ser poeta e dizer poesia*; a quinta *Conversas para além dos Versos* e pôr fim a sexta *Chá poético: Ser e dizer poesia*. Estruturadas no quadro abaixo:

Quadro 1: Estrutura/esquemática das Oficinas

1º Oficina: <i>a poesia no chão da minha escola</i>	Procedimento Árvore Poética (poemas diversos); Baú (com fotos/biografias dos poetas da árvore); Cantinho da leitura; Sala de multimídia: ouvir a música Os meninos, de Xangai;	Produção do Dia A partir da música, criar uma releitura imagética.
2º Oficina: <i>Falando de Poesia</i>	Recepção com poesia (recitada) <i>Tem Tudo a Ver</i> de Elias José; Questionário: <i>Uma conversa para além dos versos</i> ; <i>Leitura (por um aluno):</i> do poema <i>Oficina de Poesia</i> , de Sérgio Vaz.	Dupla: Releitura do poema <i>Oficina de Poesia</i> , de Sérgio Vaz.
3º Oficina: <i>vamos brincar de Poesia?</i>	Organizar a sala em círculos/Leitura inicial (coletiva): leitura do Poema <i>O que os olhos não veem</i> de Rute Rocha. Diálogo a partir do Poema (inferências dos colaboradores); Colhendo flores poéticas: cada aluno retira uma flor da árvore, lê	A partir da flor poética, fazer uma releitura imagético/verbal.

	<p>silenciosamente.</p> <p>Após a produção da tarde, ir a biblioteca pegar um livro de poesia para levar para casa: Ler poesia para/com a família.</p>	
<p>4° Oficina: ensaio em versos: Ser poeta e dizer poesia</p>	<p>Círculo leitor de poesia; Falando sobre o gênero Poesia e suas contribuições para o olhar leitor; Refletir os espaços sociais que circulam.</p>	<p>Produzir um poema com título: “<i>O espaço onde vivo</i>”.</p>
<p>5° Oficina: Conversas para além dos Versos</p>	<p>Recepção com os versos de Manoel de Barros. Falar sobre a atemporalidade dos versos, autores que colaboram para que a poesia seja semeada.</p> <p>Existe poesia no cotidiano e próximo a cada um sempre existe alguém que transforma a vida em verso.</p> <p>Para ampliar as reflexões: a convidada da tarde é a poeta Irene, refletindo a poesia como memória.</p>	<p>Produzir poema: Poesia como Memória</p>
<p>Chá poético: ser e dizer poesia</p>	<p>Recital: poema em Cordel “<i>oxente</i>” Cinderela, de Isabelly Moreira de Almeida;</p> <p>Conversa sobre poesia: participação do Ti (técnico em informática, Diogo Costa); E o cordelista Ismael Guedes Pereira;</p>	<p>Produção do dia: Onde vejo Poesia.</p>

2. O QUE É LEITURA? Um caminho de aventuras

2.1 A leitura para além do texto

Mais que palavras, ler é saborear
Histórias tristes e belas, cenários de encantar
Mais do que ciência, ler é experimentar [...]
 (Eliseu Alves)¹.

As reflexões desse capítulo são iniciadas por meio da poesia de Eliseu Alves, como um chamado a se pensar a leitura como uma forma de “saborear” as descobertas que ela proporciona ao permitir conhecer os mais diversos cenários e as mais encantadas histórias. Pensar a leitura não apenas como um conceito pré-estabelecido que consta nos manuais de Língua Portuguesa é um desafio de exercício e encanto, pois ela proporciona viagens, lembranças e memórias ao leitor. Ler é saborear o texto na sua diversidade, deixando-se ir num movimento contínuo de construção, (re) significar, pensar, relacionar palavras e construir sentidos. A leitura acontece nos entrelaçamentos entre texto e leitor, na troca que ambos promovem para que assim, exista um envolvimento, cujo objetivo seja de leitores ativos que não apenas lêem o texto, mas tornam-se capazes de percorrê-lo e desvendar suas informações de forma clara, prazerosa e por fim, alcançar suas próprias inferências. Nisso, Kleiman diz sobre a leitura:

Considera-se esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu a socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (2010, p.10)

Desde os primeiros anos da existência, principalmente na fase das perguntas e curiosidades, quando as crianças se encontram no estágio pré-operatório, também conhecido como inteligência simbólica (0-7 anos), há uma internalização das ações que começam no estágio sensor-motor (0-2anos). O estágio pré-operatório apresenta dentre outras características, a percepção dos detalhes em uma visão global, na tentativa de descobrir o mundo a sua volta e a si mesmo. É interessante assim, que a leitura seja introduzida nos seus hábitos cotidianos nesse estágio de construção e questionamentos. O berço familiar deve ser um referencial

¹ Fragmento retirado do blog *O prazer dos Livros*. Acessado em 20 de setembro de 2017 às 20 hs 30 min.

motivador, para que, quando a criança chegar a escola, os livros sejam atrativos e sua sede de conhecer cresça dia após dia.

A leitura assim, não se limita ao ato de decodificar símbolos e/ou códigos linguísticos, e sim criar horizontes e compreensões, pois ela é lugar das afetividades. As travessias surgem, no 'trancar-se' dentro de si, para só então permitir tatear a liberdade de perceber o poder das palavras, cujas forças ressoam como ecos distantes, conectados com o sujeito frente às descobertas. Ler é ver os sentidos despertarem diante da ligação texto-leitor, experimentando lentamente cada momento, em um *revestir-se* de conhecimentos. Para os PCN's leitura:

É o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (1998, p.69-70).

O leitor atua sobre o texto fazendo inferências e validando interpretações. O texto permite que o olhar do indivíduo enxergue para além das linhas, descobrindo e percebendo a partir das informações o que o texto verbal e o não verbal oferecem.

Ao ler, o indivíduo atua como investigador daquilo que lê, pois a leitura é uma ação de buscas e encontros. É sabido que ao longo da leitura perpassa uma infinidade de objetivos, levando-se em consideração o gênero textual que se lê e aquele que a efetua. Assim, pode se objetivar: Obter informações sobre determinado tema, por curiosidade, interesse ou para realização de algum trabalho; Seguir algumas instruções para compreender as coordenadas de algum jogo, de uma bula de medicamento, alguma receita; por em prática conhecimentos adquiridos a partir de informações obtidas em determinado momento, dentre tantos outros objetivos.

[...] Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem [...] (SOLÉ, 1998, p.23).

Existe a necessidade de manusear com conforto o texto a ser lido, pois o momento no qual se concretiza a leitura possibilita esclarecimentos a dúvidas, obter informações, estranheza, explicações e percepções distintas, quando mais uma pessoa ler um mesmo texto, são

capazes de compreender de modo diferente, isso não significa que as leituras realizadas estão de modo incorreto, mas que um único texto, trouxe um leque de compreensões no momento que permite ao leitor desconstruí-lo, incorporando suas percepções, por isso dizer que o texto é também uma prática social.

O estímulo nos primeiros passos na formação de um leitor deve acontecer aos poucos: no toque e folhear de páginas, na observação de imagens e mesmo na invenção de novas histórias, que são mágicas e passam a ser semeadas pela oralidade e ganham vida. Crianças motivadas também motivam. São etapas contínuas, que começa na família, logo depois, na escola e então por toda a vida. A escola, principalmente com os docentes, dá continuidade ou início na formação dos leitores, abrindo novos horizontes para que o encanto seja fortalecido e não se frustrado a cada novo desafio lançado pela escola.

Ser e formar-se leitor são termos que merecem atenção, pela diferença que ambos remetem. O primeiro é aquele que vem do sujeito como uma espécie de raiz que toma seu corpo e o faz experimentar as sensações que os textos provocam. É aquele que ao sair na rua e se depara com uma frase em um muro a reinventa em significados, ou ao olhar uma revista em quadrinhos se faz personagem na imaginação da cena.

O segundo é aquele que passa por uma série de direcionamentos e orientação para, enfim, conseguir tornar-se autônomo em interpretações e compreensões acerca daquilo que lê, bem como interaja com outros leitores e troque experiências positivas e negativas de leituras que for realizando. Por isso, no processo de formação de leitores, é preciso ousar e permitir que o *ser* leitor cresça como rizomas que se fixam, e não se mantém inertes. Para Solé (1998):

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso. De outro modo, o que poderia ser um desafio interessante- elaborar uma interpretação adequada- pode se transformar em um ônus e provocar o desânimo, o abandono, a desmotivação [...] (p. 42).

O envolver-se na prática leitora requer influenciar o leitor para que ele se permita dizer o que sente e que o encontro com o texto seja, por ele, conquistado aos poucos, ao transitar nas páginas, nas imagens, nos detalhes, ao tempo em que questione o texto e por ele seja questionado, no recuar e seguir em busca de aprendizagens. Leitura é um gesto delicado, de observar além das barreiras criadas por indivíduos que hesitam e não seguem adiante, é criar suas próprias estratégias de aprendizagens, ler o mundo. Segundo Freire (2003),

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto [...] (p.11).

Por isso é preciso em muito se discutir sobre as perspectivas de leitura e sua importância no contexto da aprendizagem. Dentre as perspectivas: Perspectiva estruturalista (foco no texto); perspectiva cognitiva (foco no leitor); perspectiva interacionista (foco texto-autor-leitor); perspectiva discursiva; A perspectiva referenciada nesse trabalho é a perspectiva interacionista, por ser a que de certo modo traz uma abordagem sutil das demais, além de se aproximar das reflexões aqui discorridas.

Nessa perspectiva a relação texto e leitor acontecem a partir da tríade, texto-autor-leitor, na construção, percepção de sentido, colaboram entre si, em uma relação de partilha e não de dependência, ou funções restritas e específicas para cada um. Texto e leitor interagem promovendo assim, inter-relação significativa, caracterizada pelo reconhecimento das informações presente no texto e dos saberes do leitor em uma troca mútua, ao tempo em que acontece uma troca.

Nesta perspectiva, e simplificando ao máximo, o processo de leitura viria a ser o seguinte. Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras...), de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como input para o nível seguinte; assim, através de um processo ascendente, a informação se propaga em níveis mais elevados. Mas simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico, sintático, gráfico-tônico) através de um processo descendente. (SOLÉ, 1998, p. 24).

Desse modo, a perspectiva interacionista constitui-se como um processo cognitivo e que também desperta a percepção que impulsiona olhar o texto e questioná-lo a partir da troca estabelecida entre eles. Pois, no momento da leitura é considerado as informações oferecidas pelo texto e as informações trazidas pelo sujeito leitor, promovendo um elo de interação. Nesse sentido, o sujeito faz uso das suas vivências e seus conhecimentos prévios, para desvendar caminhos que o autor cria no texto, como se esses fossem pistas que decifrassem as informações levando-o a compreensão.

Segundo Solé (1998, p.23) “os pesquisadores concordam em considerar que as diferentes explicações podem ser agrupadas em torno de modelos hierárquicos ascendente-*bottom up* e descendente- *top down*.”

Nessas discussões, o primeiro modelo se centraliza propriamente no texto, leva em consideração os elementos presentes nele, e na forma como o leitor irá construir

interpretações a partir do que o texto oferece, acontecendo de modo hierárquico e sequenciado, desde uma palavra até uma frase o sujeito leitor se debruça e passa a decodificá-lo a partir do uso de suas habilidades que contribuem nesse processo de compreensão. O segundo por sua vez, o leitor fará uso de sua bagagem de conhecimentos prévios, construindo assim, recursos que colaborem nas percepções e entendimento daquilo que lê, não se limitando a decifrar apenas os elementos do texto para compreendê-lo. Se o leitor traz consigo, informações sobre determinado texto, não ficará necessariamente limitado diante dele, pois ao fazer uso de seus conhecimentos, poderá atuar ao desconstruí-lo e fazendo suas interpretações.

Por sua vez Kato ressalta,

O leitor idealizado pelo modelo ascendente é aquele que analisa cuidadosamente o *input* visual e que sintetiza o significado das partes menores para obter o significado do todo. O leitor idealizado pelo modelo descendente é aquele que se apoia principalmente em seus conhecimentos prévios e sua capacidade inferencial para fazer predições sobre o que o texto dirá, utilizando os dados visuais apenas para reduzir incertezas. (1999, p.66-67).

O leitor como um investigador, que analisa cuidadosamente cada detalhe do texto, percebendo-o- modelo ascendente- e também aquele que faz de seus conhecimentos prévios caminhos, por meio dos quais infere ideias, sugestões, perguntas e percepções a partir do texto-modelo descendente-.

2.2 A Leitura *versus* sociedade globalizada

No atual contexto, com a globalização, é comum que indivíduos tenham informações sobre diversos lugares, seja no quais estão inseridos, seja outro distante. No entanto, para que se compreendam esses meios, é necessário que os leitores desfrutem de possibilidades leitoras que colaborem no processo de compreensão do mundo e dos cenários políticos, econômicos e sociais, pois, durante a leitura de um texto surgem os questionamentos, mediante os conhecimentos prévios de leitor. As inferências, assim feitas, devem ser tratadas a partir do olhar da vivência que possibilite distâncias e proximidades, ou seja, ao tempo em que inquieta, agasalha e deleita. Como afirma Kleiman (2010, p. 10) “[...] é na interação, isto é, na prática comunicativa em pequenos grupos, com o professor e seus pares, que é criado o contexto para que aquela criança que não entendeu o texto e entenda.”

Existe, portanto, a necessidade de diálogo entre escola, família e professor, para que juntos promovam caminhos de descobertas e reflexões. Cabendo à instituição escolar criar

instrumentos metodológicos eficazes que contemplem a diversidade de público, evitando-se pensar apenas na homogeneidade dentro da sala de aula e/ou do espaço escolar. Assim, torna-se essencial perceber o heterogêneo como alicerce na construção dos saberes, repensando e autoavaliando erros e acertos, buscando sempre um ambiente acolhedor a todos. Os PCNs de Língua Portuguesa trazem as seguintes considerações:

Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como prática pedagógica resultante da articulação de três variáveis: o aluno; os acontecimentos com os quais se opera a nas práticas de linguagem e a mediação do professor (1998, p. 22).

Ao se promover essas ações, assegura-se (ou se propõe assegurar) que desde os primeiros passos dentro da escola o indivíduo tenha um encontro harmonioso com o universo da leitura, que vai muito além dos manuais didáticos, pois ler deve ser um ato prazeroso e contínuo. No entanto o processo de formação de leitores não é apenas privilégio da escola, e sim da família e da sociedade de modo geral. Inclusive o processo de letramento pode ser muito mais enfático na vivência dos alunos na comunidade a que fazem parte.

[...] a alfabetização desenvolver-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.14).

A alfabetização acontece por meio do sistema convencional da escrita, assim o sujeito consegue ler e escrever. Por sua vez, os sujeitos letrados, além de ler e escrever, atuam socialmente sobre as mesmas. Por isso, é necessário que existam condições favoráveis para a promoção da experiência leitora, favorecendo assim, o crescimento de uma sociedade letrada, que visa refletir o eixo leitura, como elemento essencial e presente na compreensão de uso, aquisição e funções da linguagem e da aprendizagem.

Oferecer subsídios, para que os alunos compreendam a importância do ser leitor, por meio de práticas metodológicas que resignifiquem e não limitem o sujeito a acomodação e passividade, mas que se sintam seguros em pesquisar criar suportes individuais, possibilitando desse modo, o contato com a pluralidade do próprio mundo.

Isso porque ler requer um conjunto de elementos que não se limita a decodificação de códigos, as parcerias e ações integradas promovem o interesse dos futuros e atuais leitores. Por isso, não se deve limitar os momentos de leitura às aulas de Língua Portuguesa, como se essa fosse a única responsável por desempenhar tal tarefa, mas fazer da leitura uma atividade de fruição e de interdisciplinaridade, permitindo, assim, que o aluno entenda a leitura como

um espaço fluido e possível a todos que se atrevem a percorrê-lo. Nessa perspectiva, há a sabedoria da interação, da partilha e da ação sobre aquilo que se lê. Nisso,

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCNs, 1998, p. 26).

Isso significa pensar ações a serem realizadas antes, durante e pós aulas de português, com interação com outras disciplinas, pois, por mais que as ementas das mesmas sejam distintas, elas não devem caminhar sozinhas, e sim proporcionar ao aluno expandir suas habilidades no ler, interpretar e escrever. Os PCNs trazem a seguinte consideração:

A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura. (1998, p. 72).

A organização nesse momento é fundamental, estruturando ações para a formação leitora e nas quais toda a escola esteja envolvida. O planejamento deve ter estrutura flexível e não meramente direcionada a conteúdos, uma vez que isso pode causar estranhamentos e recusas por parte dos alunos. Ao contrário disso, o momento do ler, se tomado como uma atividade natural, prazerosa e criativa, pode ser a melhor forma de alcançar objetivos e ainda deixar a preciosa herança da leitura na vida dos sujeitos, mas sem o peso da cobrança.

Nesse sentido, Kleiman (1999, p.25) cita que:

A ativação dos conhecimento prévio é, então essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar partes do texto num todo coerente[...].

O domínio da leitura é algo a ser refletido nas práticas curriculares diariamente, no sentido de, constantemente, se pensar no que seria realmente o “domínio leitor”: apenas decodificar códigos ou permitir ao sujeito viver a leitura, constituindo assim, um ser reflexivo, crítico e ao mesmo tempo atuante que agrega o olhar a partir de suas subjetividades?

2.3 Formar leitores: para além do espaço escolar

É sabido que em meio ao contexto atual, é comum observar em ocasiões diversas as dificuldades enfrentadas pelos alunos quando estão diante de um texto, e tem que refleti-lo e não apenas ler por ler. É preciso, portanto, que existam condições confortáveis e acolhedoras de acolhimento dos leitores, para que isso aconteça não se exige muito, mas

que a criatividade e a elaboração de espaços de leitura dinâmicos e aquecidos pela vontade da busca por novas histórias e da liberdade do falar suas percepções coletivas e individuais, na perspectiva de interação entre os leitores e os textos, e também para além dele. Pois,

[...] o texto abre portas para o inusitado, para o mundo da vida invadir a sala de aula, para o acontecimento conduzir a reflexão, sem que os sentidos se fechem nas leituras prévias e privilegiadas com que os textos têm sentido silenciados quando presente na sala de aula. (GERALDI, 2003, p. 27).

Um elemento básico na escola é a biblioteca em pleno funcionamento, que desperte o desejo dos leitores não necessariamente pelo fator quantitativo de livros, mas pela qualidade da obra, que deve agir no imaginário leitor no sentido de ampliar a compreensão de si mesmo e da sociedade a fim de que se possa ser atuante. Para formar leitores é preciso que exista motivação em buscar outras fontes, outras leituras que enriqueçam ainda mais seu repertório discursivo. A *motivação* aliada a bagagem que o leitor traz consigo das vivências cotidianas no espaço escolar, familiar e social, colabora na ambientação adequada para extrair do texto informações que respondam aos objetivos que se pretende alcançar, seus anseios de leitor que investiga e desvenda o texto para além do que é dito em suas linhas. Existe em meio a esse universo um leque de possibilidades que passam a ser entendidas no instante em que o sujeito se apropria do texto (re) significando-o. Construindo assim, uma ponte texto-leitor, com atenção e direcionamento, passando assim, para etapa da compreensão.

Diante disso, um dos grandes questionamentos nos encontros formativos, reuniões docentes e /ou palestras é: “por que meu aluno não lê?”. Essa inquietação faz parte de grande parte das instituições de ensino do país. Infelizmente o lugar da leitura se reduz cada vez mais no cotidiano das pessoas, o que segundo Kleiman (2010, p.17) é “a pobreza no ambiente de letramento.” Outro fator determinante é a própria formação docente. É irrefutável o fato de que a formação de leitores depende também da influência dos professores leitores, uma vez que o entusiasmo de um, deve agir sobre o outro. Afinal, como seria formar leitores ativos sem que houvessem professores leitores? Pois a leitura é um ato generoso de trocas de experienciais e influências. Nisso é possível questionar:

Em que se baseia a leitura? No desejo... Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas como seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida [...] (BELLENGER, p.17 apud KLEIMAN, 2010, p.17).

Assim sendo, quando a reflexão e autoavaliação metodológica são cotidianas é importante ter recursos disponibilizados para todos os envolvidos na aquisição leitora. Outro elemento

preponderante é que os momentos de leitura sejam realizados todos os dias, e não apenas em dias específicos. Os momentos destinados à leitura devem acontecer como algo novo todos os dias, os alunos precisam sentir a prática da leitura como um acontecimento revelador de coisas, lugares e histórias diversas, tendo a liberdade de imaginá-las e recriá-las com base nas suas capacidades. De acordo com Solé (1998, p. 44):

Ler é compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso[...].

O incentivo para que os alunos mantenham diálogo com o texto simples e complexos deve ser gradativamente intensificado, pois cada novo passo instigará a novos outros, que lhes dará sentido às leituras, e que antes de tudo exista a colaboração mediadora e confiante do professor.

Ao se pensar a formação leitora, é essencial que o objetivo seja criar estratégias que proporcionem caminhos múltiplos e criativos que não se fixem em modelos a serem seguidos, pois a leitura significativa é aquela que permite a autonomia do leitor e seu consequente empoderamento. PCNs, enquanto documento oficial que visa auxiliar nas práticas e planejamentos docente, aborda relevância do formar leitores e se direciona a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Sobre a tarefa de formar leitores afirma o PCN:

[...] impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (1998, p. 70).

As estratégias servem para que dentro de determinado contexto, o sujeito se organize e planeje suas leituras, de modo que encontre maneiras de se situar no texto, sabendo como e quando retornar, para rever algo que por ventura não tenha tido o devido esclarecimento e tenha provocado dúvidas, daí a necessidade de pausas, recuos e releituras agindo com autonomia diante daquilo que lê. Também, atribuindo significados e desempenhando papel na construção de saberes, cuja importância amplia visões de mundo, amplia relações com o outro, permitindo o fortalecimento das aprendizagens.

Quando o aluno tem em mãos um determinado gênero textual ele precisa criar suas próprias estratégias de leitura, para que não corra o risco de se limitar e ficar fixo apenas no questionar “o que o texto e/ou autor quis me dizer?” é necessário que esse aluno se autoquestione “o que eu busco nesse texto e para além dele?”, o texto é a materialização de conteúdos, temáticas, lugares, espaços, discursos que alguém escreveu, pensou, refletiu, mas em meio a tudo isso, esse mesmo texto, permite a quem lê, tornar-se também reflexivo e desconstruí-lo. Quando se tem o hábito constante de leitura, as habilidades se ampliam, facilitando no processo de escrita, interpretação sobre assuntos diversos.

Quando se propõe a formação leitora, as práticas de escolher, recepcionar e mediar leituras, na sua diversidade de gêneros textuais, exige uma articulação pensada e que vise objetivar não apenas o apresentar determinado gênero, mas criar maneiras nas quais os alunos desenvolvam suas habilidades e assumam o verdadeiro papel leitor, aquele que constrói e reconstrói a partir das informações, desmistificando opiniões estabelecidas e se tornando-coautores, no sentido de, inserir no texto suas percepções no processo de entendimento do texto.

Levando em conta o grau de independência do aluno para a tarefa, o professor pode selecionar situações didáticas adequadas que permitam ao aluno, ora exercitar-se na leitura de tipos de texto para os quais já tenha construído uma competência, ora empenhar-se no desenvolvimento de novas estratégias para poder ler textos menos familiares, o que demandaria maior inferência do professor. (PCN's, 1998, p.72).

É necessário pensar não apenas naquilo que o aluno já domina, mas também nas novas possibilidades, que permitam a compreensão de textos, cujo contato e interação ainda seja tímido. Os PCNs orientam que as atividades a serem desenvolvidas sigam algumas orientações, com o objetivo de auxiliar nas dificuldades apresentadas pelo aluno. Pensando na formação leitora, trazem sugestões de leituras direcionadas, como leitura programada, leitura compartilhada, leitura de escolha pessoal, leitura em voz alta pelo professor.

Situações que favoreçam a leitura devem ser criadas, permitindo a liberdade de escola de algumas leituras, para que ao sair da escola os alunos não deixem os textos de lado. Logo, o cuidado no trabalho com a diversidade de gêneros textuais, pois os mesmos oferecem infinitas possibilidades de leituras e partilhas, no entanto, é preciso ter cuidado para não trabalhá-los de modo uniforme. Daí a importância de todas as escolas disponibilizarem bibliotecas, ricas em títulos nos seus acervos. Segundo Solé,

Em primeiro lugar, podemos afirmar que, quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que a leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos... A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, nesse sentido, sempre é uma contribuição essencial para cultura própria do leitor [...] (1998, p. 46).

A leitura é proximidade e a sala de aula também deve ser um ambiente estruturado para recepcionar novos leitores, dispondo de livros, organizando círculos de leitura, proporcionando o momento do/para o leitor, também, que docente participe e permita sugestões e que as vivências dos alunos sejam ouvidas e haja troca de saberes. Além disso, é preciso que instiguem os alunos a construir novas percepções que vão além, da escola e das estruturas linguísticas determinadas como regras. É preciso que os conhecimentos prévios, tenham espaço da escuta, esses conhecimentos são acionados sempre que necessários, funcionam como esquemas mentais, que favorecem a compreensão em momentos diversos. Sendo eles divididos em: Os conhecimentos textuais, enciclopédicos e conhecimentos linguísticos. O primeiro, está relacionado às percepções que se tem a partir dos elementos textuais, presentes nos diversos tipos de gêneros textuais. O segundo é aquilo que se sabe sobre o mundo, suas visões gerais e específicas em relação ao mesmo. E o terceiro, são os conhecimentos morfológicos, sintáticos, semânticos, ortográficos e fonológicos.

[...] Na verdade, separar os conhecimentos humanos em tipos, como, por exemplo, tipos enciclopédicos, linguísticos, textuais, matemáticos, jurídicos, etc., é apenas um artifício teórico que nos possibilita discutir e refletir a respeito dos conhecimentos humanos, mas eles estão atrelados. Por essa razão, às vezes podemos ficar em dúvida na hora de decidir se o problema que um leitor enfrenta para ler um texto [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 62).

São fatores que devem ser refletidos constantemente pelo docente, pois a linguagem enquanto fenômeno atrelado ao conhecimento linguístico, não se distancia dos outros conhecimentos, dialogam, o que de algum modo resulta na influência entre os mesmos ao tempo em que promovem articulações entre eles.

2.4 Gênero textual: Diálogos discursivos

O ensino de gêneros textuais apresenta significativa importância, por se relacionar aos fenômenos histórico-sociais ocupam espaços cujas discussões enveredam para diálogos com novos significados estabelecendo conexões comunicativas no cotidiano.

O ensino a partir dos gêneros textuais oferece caminhos por meio dos quais os sujeitos podem produzir novas formas de comunicação. Segundo Marcuschi (2008): “Desde que nos

constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos em uma máquina sociodiscursiva.” O trabalho com os gêneros textuais abre um leque de possibilidades, ao tempo que promove aos leitores aperfeiçoar suas visões de mundo.

Estando em sala de aula, ocupam dimensões sócio-discursivas, ao estabelecer vínculos, entre ensino, a aprendizagem e a compreensão do próprio espaço social, a partir da comunicação (re) significando-o. São, portanto, construções estabelecidas na coletividade, e não algo que acontece isoladamente, a partir dos diálogos, o sujeito expressa suas impressões, vontades, inquietações, ideias, concepções diante do contexto social.

[...] uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gênero. Após a invenção escrita alfabética por volta do século VII A.c., multiplicaram-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século VI, os gêneros expandem-se com as flores cimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Observações históricas que sinalizam o surgimento dos gêneros textuais, e seu percurso ao longo dos séculos, bem como as colaborações atemporais no processo de comunicação entre os indivíduos e suas práticas sociais. O falante amplia sua competência expressando-se diante de temáticas sociais diversas.

De modo objetivo, os gêneros textuais, podem ser conceituados como instrumento de comunicação, partindo de ações do dia-a-dia, que promove significativa relação entre os sujeitos. São caminhos que possibilitam de modo amplo (re) conhecer a diversidade, respeitando a singularidade existente em cada uma.

Desse modo, colaboram no processo de letramento, desafiando os sujeitos a participarem diretamente de suas aprendizagens. Portanto, as vivências diárias, não ficam isoladas, mas é possível trazê-las para o espaço da sala de aula, estabelecendo ligações discursivas podendo remodelá-las a partir da multiplicidade que passa a ter.

Na atualidade com a expansão tecnológica em massa, a utilização da televisão, computadores, internet, e tantos outros, surgem novos gêneros textuais, a exemplo, dos e-mail (cartas eletrônicas), telefonemas, bate-papo que se difundem, criando novas maneiras de interação comunicativa, evidenciada por meio da oralidade e na escrita. Segundo Marcuschi (2008)

Contribuem para orientar e estabilizar as atividades sociocomunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em

qualquer situação comunicativa [...] surgem emparelhados as necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (p.20).

Desse modo, os gêneros textuais não são estanques, existe dinâmica desde seu surgimento, sua difusão e estabelecimento são selados no cotidiano. Ainda assim, sua funcionalidade não se limita necessariamente as questões estruturais e/ou linguísticas, por estar fortemente relacionado às questões culturais, sociais e históricas, há flexibilidade destacando-se pelo dinamismo das interações comunicativas entre os sujeitos. Daí ser importante para as escolas viabilizarem o trabalho com os gêneros textuais, para que os alunos conheçam suas especificidades e flexibilidades discursivas, além de terem acesso a novas práticas de linguagem.

É sabido que, ao definir gênero textual, confundem-no com tipos textuais, portanto, é preciso refleti-los em suas particularidades. Os tipos textuais constituem-se a partir de sua natureza linguística, que contempla as questões sintáticas, lexicais, que são fatores específicos, por sua vez, são categorizados em: descrição, narrativa, injunção, exposição, argumentação. Os gêneros textuais, por sua vez, são constituídos pela relação sócio-comunicativas estabelecidas pelos sujeitos do discurso, seu estilo e composição, são elementos promissores na ação comunicativa, cuja dinâmica, permite a interação entre os sujeitos de determinados grupos sociais, que dialogam agindo e interagindo no contexto de circulação social. Os gêneros textuais contemplam uma grande diversidade, sendo aqui, exemplificados apenas alguns, como: sermão, bilhete, piada, bate-papo, carta eletrônica, receita, romance, lista de compras, receita, carta pessoal, aula expositiva, outdoor, aulas virtuais, telefonema, poema e por ai vai.

2.5 O que é Lê Literatura?

No cenário contemporâneo, ao se discutir a literatura no processo formativo do leitor deve-se levar em consideração o ensino muito além de seu caráter pragmático, como uma expressão de aprendizagens que ultrapassa os muros da escola.

Os caminhos da literatura são constantes e ao mesmo tempo novos no que se refere ao descobrir novas possibilidades de enxergar criativamente o horizonte, pois eles deixam a imaginação do leitor emergir e transformar-se em palavras que ao tocarem outros sujeitos acaba por afetá-los, em outras palavras, a linguagem ficcional desperta mundos sobre os

quais o leitor está em constante relação, seja com o livro, seja com outros leitores, numa relação de reciprocidade intelectual e afetiva. Segundo Antônio Cândido (1989, p.174): “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível todas as criações de toque poética, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura [...]” Assim, o leitor terá a liberdade de questionar o dito na diversidade de textos e considerar o não dito, que seu olhar leitor concederá. Identificando-se ou não nas leituras, o sujeito poderá deslocar-se dentro do texto, não se limitando as suas margens, mas exercer seu poder leitor.

Os documentos oficiais citam a necessidade de incorporar o texto literário durante as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, e que estes não fiquem apenas em sala, mas sim que, no contato com o literário, o sujeito possa intervir e compreender aspectos da própria sociedade de modo a construir sentidos diversos. Ler literatura é um gesto delicado de liberdade em que cada sujeito viaja num universo e nele se envolve e desenvolve afetividades para toda a vida enquanto leitor. Nisso, é possível afirmar que, existindo encantamento e prazer na abordagem sobre as obras literárias, o envolvimento poderá estar presente e a partir daí é o olhar transformador do leitor que entra em ação. Por isso,

[...] Os PCNs insistem também na incorporação do texto literário às atividades de sala de aula, mas compreendendo a literatura em sua especificidade, levando o aluno ao fruir estético, à formação do gosto e não usado de uma forma escolarizada para fazer provas, construir um sentido único, preencher fichas ou como pretexto para o estudo da gramática. Enfim os PCNs insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresentar para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura [...]. (FREITAS, 2005, p.65 apud ROJO, 2005, p. 65).

Pensar a literatura não como um composto de regras de ensino, mas partindo do objetivo maior que é a compreensão e compreender requer adequar o texto às realidades diversas, e acima de tudo permitir que os sujeitos vivenciem o experimento do agir, sentir e (re) inventar.

Recepcionar um texto não significa aceitar tudo que o ele diz, como se fosse uma verdade universal, pois como diz Eco (*apud*, Resende, p. 25); “O texto é um organismo preguiçoso... o texto é esburacado e espera que o leitor o complete.” Por isso é primordial pensar as (in) verdades e, nesse sentido, quando o leitor começa a desconstruir e, como tal, mergulha em um espaço de saberes, seu olhar lhe permite criar e o encoraja a ir cada vez mais longe nas leituras.

A literatura é uma fonte de construções, cujas ligações entre os sujeitos e as obras, favorecem todo o processo de formação do leitor e ainda promovem o despertar para a existência de outros lugares, outras margens, que suscitam encontros e compreensões a partir das aprendizagens adquiridas a cada novo passo dado no tocante à complexidade de cada novo texto. No entanto,

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz [...] (MORAES, 2007, p.20).

Nessa perspectiva, faz-se necessário pensar a leitura literária como uma forma de abarcar o máximo possível da multiplicidade de saberes, que são despertados por meio do envolvimento do leitor. Nessa trajetória de leituras, o leitor pode no encontro com o outro, o personagem da história, refletir sobre si mesmo e ter suas subjetividades intensificadas e aprofundadas nos pensamentos e nas afetividades despertadas. Pois,

Se a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade e de gozar esteticamente dela em uma experiência pessoal e subjetiva, parece que o papel do professor deveria ser, principalmente, o de provocar e expandir respostas provocadas pelo texto literário e não, precisamente, o de ensinar a ocultar a reação pessoal através do rápido refúgio em categorias objetivas de análise, tal como sucedida habitualmente no trabalho escolar. (COLOMBER, 1996, p. 131 apud MARTINS & VERSIANI, 2008, p.13).

A experimentação pessoal proporciona interações com linguagens materializadas nos textos e sobre as quais as questionamentos e reflexões acontecem. Existe assim, uma relação transformadora capaz de tornar o sujeito leitor um ser autônomo num movimento intelectual, que ora se afasta do texto, para confrontá-lo e discuti-lo, ora a ele se aproxima, para entendê-lo e levá-lo em si. Mesmo porque ao ter contato com um texto, independentemente de gênero e complexidade, o sujeito leitor precisa apropriar-se da história contada, caso contrário, estará condicionado a leitura pela leitura, perderá a oportunidade de recriar cenários, personagens, dores, tristezas, amores em sua imaginação e, conseqüentemente, não a agir sobre o texto. Isso porque,

Literatura não se ensina, aprende-se com ela. Mas, à medida que se aprende, é possível passar para outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós. Essa operação intersubjetiva equivale a outro aprendizado que é o de compartilhar modos de compreender a vida, o mundo, a existência, a identidade, a relação com o outro, não percebidos ainda. A leitura do texto literário possibilita que apenas uma palavra de conto, romance, novela ou poema, colocada em discurso pelo leitor, condense para ele próprio e para o outro essa experiência ímpar, porque é única, mas que se quer partilha [...] (MARTINS & VERSIANI, 2008, p.18.).

Aprendizagens que resultam de um encontro literário, que provoca o leitor de modo tal que ele, o leitor, passa a procurar novos títulos e novas referências de leituras e começa a compreender elementos até então despercebidos ou desinteressantes. Além dessa relação com o texto, os leitores também começam a se reconhecer no diálogo e na partilha com o outro. Existindo, assim, o cruzamento de leituras e olhares, por meio dos quais os discursos são produzidos e validados, ideologias e técnicas são questionadas, em busca de esclarecimentos. As relações estabelecidas entre os sujeitos, nos momentos de mediação com o professor, não se tratam unicamente ler um determinado texto e usá-lo com o objetivo de conceituar, mas sim promover releituras de construção e/ou desconstruir do que se lê, uma vez que esses momentos estão para a experimentação e o diálogo pessoal e coletivo.

É importante caminhar afetivamente nos espaços, pois assim não se estará tomando posse dos mesmos, e sim, comunicando-se e ampliando suas habilidades e indo muito além delas. Conhecer outros lugares, os lugares das heterotopias. Sobre esses lugares fala Foucault:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares afetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias [...]. (1984, p. 415).

As leituras desses lugares, singulares, reais e afetivos, se constituem pela significativa contribuição de aprendizagem, quando aquele que lê sente-se afetado pela leitura, sem que para isso exista uma demarcação no próprio texto. Os lugares, em sua diversidade, existem para que outras expressões leitoras possam modificá-los com múltiplas possibilidades de interpretações. Logo, o desafio é: o leitor utilizar as estratégias de que dispõem e valer-se das reflexões para concretizar a leitura.

A escola é um espaço de formação de leitores e, por isso, deve promover ações de incentivo, mesmo que, em um primeiro momento, aconteçam aparentemente de forma sutil e desinteressada, e que aos poucos ganhe maior proporções. Michael de Certeau (1998, p. 202) afirma que o espaço é lugar praticado, é necessário que existam movimentos e estes só acontecem por meio das práticas cotidianas, ora intensas, ora sutis, porém capazes de provocar transformações nos “viajantes” desse espaço. O importante é que cada sujeito

conquiste espaços, praticando-o, sem criar neles relações de dependência, e sim contatos, trocas, que oportunizem a formação de sujeitos críticos. Para Martins & Versiani:

[...] resume uma condição para o ensino de literatura: “À medida que o professor ensina, ele se ensina a si próprio.” A possibilidade de ensino de literatura liga-se, então, à condição de aprendiz de quem quer ensinar. Eleger essa frase e não outra para focalizar o ensino da literatura reforçar o caráter transitivo da leitura e dos processos de mediação escolar que a propiciam. Processos nos quais o professor assume papel de destaque, ciente de que colocar-se nesse lugar exige, antes de tudo, saber por que ensina literatura. Tendo-se clareza disso, com certeza, abrem-se perspectivas de como ensinar [...]. (2008, p.19).

As mediações em sala de aula devem expandir para outros espaços da própria escola, impulsionando toda a turma a, também, sair da escola e expandir suas leituras para a comunidade, assegurado que o professor seja o mediador e orientador de toda proposta, visto que é preciso haver embasamento teórico em todo projeto que se deseje exitoso, mesmo porque,

Nas mediações escolares de leitura literária, muitas vezes se observa a perda de elos entre as instâncias do conhecimento no prazer e o prazer no conhecimento, perda que pode ser percebida tanto nos documentos oficiais, que, ao prescreverem orientações, deixam indicadores do atual quadro do ensino da literatura que tornam visíveis tendências do que acontece na escola, como na observação do que ocorre nas práticas escolares de leitura literária. (MARTINS & VERSIANI, 2008, p. 13).

As orientações dos PCN’S sinalizam que para o Currículo Nacional as leituras literárias, são de extrema importância, ao tempo em que alerta a se pensar o contexto escolar, para que se tenha uma base leitora maior e com menos rupturas.

Nos segmentos para o Fundamental I enfatizam a importância do ler Literatura, buscando instigar toda a comunidade escolar a perceber como se constrói uma escola atuante na promoção da aprendizagem e não do ensino pelo ensino, pois a literatura traz consigo possibilidades de se compreender a existência de “mundos”, a partir do momento, em que o leitor se apropria de um texto e consegue confrontá-lo no sentido real e imaginário.

Em algum momento da história do ensino no Brasil, os textos literários eram trazidos nos livros didáticos meramente como suportes para estudos com fins gramaticais.

[...] sabe-se que, na história dos livros didáticos de língua portuguesa no Brasil, por exemplo, houve época em que todos os textos eram literários, mas a leitura deles servia a interesses não-literários, com predominância dos estudos de conteúdos gramaticais. Líamos trechos belíssimos d’*Os Lusíadas* para aprender análise sintática [...]. (PAULINO, 2008, p. 57).

Toda a poética existente no texto ia sendo silenciada, quando na verdade poderia ser utilizada como um encontro atraente para o sujeito sentir-se conduzido pelas palavras em um

mergulho de saber e compreensão regidos pela liberdade do investigar, descobrir e opinar, sem regras, formulas ou limitações, lançadas pelos próprios mediadores. O que em muito contribuiu para que os leitores passassem a criar certa resistência ao texto literário. Segundo Paulino,

[...] quando se tornou hegemônica a Teoria da comunicação, numa fase de escolarização da leitura literária em que os textos literários estavam (e muitas vezes ainda não) sendo lidos e tratados como as notícias do maremoto: quantas foram as vítimas, como sucedeu o evento, que países atingiu, por que não houve dele previsão? Lidos como textos informativos, cada resposta sobre textos literários corresponderia à verdade dos fatos, textualizados para serem detectados e memorizados. [...] (2008, p. 58).

Distorções assim causam rupturas com o verdadeiro sentido literário. É preciso estar atento para que não predomine uma hierarquização da leitura que, se em algum momento foi tida como acontecido normal, na perspectiva da sociedade contemporânea, regida pela informação rápida e objetiva, não deve mais prevalecer. A subjetividade leitora é essencial, porque ao tempo em que cria aproximações relevantes no processo de entendimento do que o outro diz, se percebe como o outro de alguém e, nisso, tem interesse se traduzir-se em pensamentos e palavras.

[...] Diferentes domínios discursivos, entre eles o literário, se definiriam historicamente, tanto em nível de produção quanto de recepção, pela motivação e objetivos predominantes, pelos valores sociais envolvidos, pela interação verbal estabelecida. Todos os domínios discursivos, sem exceção, exigiriam e desenvolveriam habilidades complexas e competências e sociais de seus leitores. (PAULINO, 2008, p.61).

Os elos que emanam de encontros que flexibilizam olhares, questionam “certezas” e promovem partilhas, fortalecendo as relações afetivas e cognitivas entre os leitores encorajados pelo processo contínuo do ato de ler, fruto, cada vez mais, de um querer prazeroso.

2.6. Literatura: caminhos e trajetórias

A literatura deve fazer parte do contexto do aluno desde as séries iniciais, ser percebida sem obrigatoriedades, mas um encontro que vai acontecendo dia-a-dia sem pressa, e de acordo com o passar do tempo e a maturidade do sujeito passa a ter novos prismas, fortalecidos por um elo que “nasceu”, de forma harmoniosa, tendo espaços cada vez mais eficazes nas séries subsequentes, ao formar leitores participativos e autônomos.

Os textos literários envolvem, simultaneamente, a emoção e a razão em atividades. Sua organização provoca surpresa, por fugir ao padrão característico da maioria dos textos em circulação social. E fugir ao padrão hegemônico existem e devem também ser conhecidos pelo leitor ... Trata-se, portanto, de uma leitura que exige

habilidades e conhecimentos de mundo, de língua e de textos bem específicos de seu leitor. E no momento mesmo da leitura literária todo esse repertório vai-se modificando, sendo desestabilizado por sua pluralidade e ambiguidade. Esse seria o processo de produção do conhecimento característico da leitura literária. (PAULINO apud COSTA, 2007, p.17).

Em toda sua criação nesse envolver razão e emoção, a literatura provoca nos leitores a surpresa, sendo importante ressaltar que cada leitor apresenta um modo particular de lê, no sentido de perceber elementos, temáticas, e principalmente de fazer sua própria inferência, produzindo a partir do texto, desfazendo refazendo as informações, de modo que crie suas próprias estratégias leitoras, modificando-as sempre que necessário.

A partir de 1967, com professores da escola de Constança, na Alemanha, ganha força a teoria da recepção, ao propor que todo o sentido do texto nasce do leitor, de sua história pessoal de leituras e da percepção que tem do texto que lê. Se o leitor não conseguir entender o que lê, então o texto literário perde sua força. A interpretação da obra (sua recepção, portanto) é que indica a importância do texto para a história da literatura, e não a experiência de vida do autor.(COSTA,2007,p.65-66).

Essas considerações mostram que na literatura os componentes: autor, obra (texto) e leitor, são imprescindíveis para se perceber todo o caminho discursivo que os mesmos ganham ao longo do tempo, embora apresentem aspectos particulares, se harmonizam, no sentido de organizar e compreender que o texto acontece a medida que o leitor se apropria e se deleita.

[...] nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas [...] (CANDIDO, 1989, p 175).

Encontrar sentido nas leituras literárias, esse instrumento poderoso, que fornece possibilidades na sociedade, de atuar sobre as mesmas contribuindo com seu olhar escrevendo novos significados. É preciso que se pense a literatura como um espaço de produção histórico, social, cultural e a partir das experiências de leitores e épocas diversas possa ser resignificada, possibilitando assim, que ela desempenhe o papel ao sensibilizar e atuar no imaginário do leitor. Desse modo, o professor que abre espaço para que os alunos compreendam o verdadeiro papel da literatura, que não se limita meramente a decodificar datas e/ou períodos literários, mas que a todo o momento os alunos sintam por observar na própria imagem do mediador quão rico e prazerosos é o universo literário, e que as leituras sensibilizam e alimentam o intelecto.

O professor deve enfatizar a todo o momento que para se compreender o mundo e suas questões externas, perceber criticamente o lugar onde vive antes de tudo precisamos ser

bons leitores, ler a vida, e todo universo que constantemente é representado diante de nós. É exatamente por isso, que o próprio docente não pode ser indiferente a riqueza da literatura, se o fizer pode de algum modo afastar o aluno ao tempo em que esse se recusará e se afastará das leituras e, portanto dos livros. Desejamos uma sociedade de pessoas que se aproximem, e se debrucem sobre os livros. Segundo Regina Zilberman,

A literatura Infantil (...) é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica (...) Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional que aponta a um conhecimento de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever), ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória tradicional. (apud COSTA, 2007, p.21)

Romper com o tradicional, e abrir espaço para um ensino que dinamize a aprendizagem, visto que o público em sala de aula é cada vez mais diverso e se torna primordial criar possibilidades de acolhimento a todos. Vivemos uma época que antes de tudo precisamos conquistar nossos leitores, convidando-os a serem viajantes ativos e críticos dentro e fora da sala de aula. Assim, o repertório do aluno vai se ampliando, ele passa a construir e ao mesmo tempo armazenar informações para que sempre que estiver em suas leituras, recorrer a esses arquivos armazenados tornando a leitura uma maravilhosa fonte de saberes.

O repertório infantil (e não apenas infantil) vai sendo construído nas suas descobertas, em suas leituras silenciosas, nas leituras orais, no ouvir e pedir que o professor leia novamente. Retornar a um texto, nem sempre significa que o aluno não tenha conseguido percebê-lo, em muitos momentos esse retorno é o ápice da maturidade, ele volta por ter sido tão prazeroso que acredita que ler novamente possa fazer novas descobertas, visto que um texto nos dá essa possibilidade. Segundo Costa (2007, p.50): “A leitura silenciosa ou em voz alta não deve ser encarada com o exercício de avaliação do estágio de domínio da ortografia e da decodificação das crianças. Ela precisa ser, sobretudo, um momento de exercício de prazeroso de contato com os livros e com os ouvintes.” O momento de leitura seja ela silenciosa ou não é o instante da interpretação e como tal extremamente valoroso e gratificante, momento gratificante tanto para aquele que lê. Conseguir interpretar aquilo que se lê, é uma das coisas mais significativas e importantes para o sujeito. Daí ser tão importante as leituras de mundo, aprender com as experiências da própria vida. Segundo Lajolo (1993, p.7).

Ninguém sabe nascendo a ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na

chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca como sabe quem lê Graciliano Ramos-independente da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

O professor precisa estar apto a ouvir seus alunos e usar suas interpretações para abrir espaços de aprendizagens. Quando um sujeito consegue mesmo que em poucas palavras emitir seus pensamentos e se expressar diante das leituras, deixando que a linguagem ganhe espaço, ele caminha em sua formação, construindo em discretos e importantes passos a sua autonomia e como tal, não pode ser inibidos, mas sim, incentivado a continuar. Nesse momento, o professor deve buscar maneiras de motivar seu aluno, contribuindo para que esse experimente o texto e todas as significações que podem trazer a vida, experimentando desafios novos, perceber o mundo, ultrapassar limites sentir toda beleza da linguagem informar-se para formar leitores.

2.7A poesia como espaço de produção de outras subjetividades

É necessário esclarecer a concepção de poema e poesia adotada nesse trabalho. Afinal o que é poema? Afinal o que é poesia? Partindo dessas indagações, essa pesquisa utiliza o termo poema, quando se refere ao texto cujos elementos são compostos por signos verbais, forma e estrutura. Algo evidenciado pela própria origem do termo poema, que o poema é uma derivação do verbo *poein* que vem do grego e cujo significado, é “criar, fazer, compor”. E que segue formas específicas, sendo, portanto, um gênero textual, assim, como o conto, as crônicas e tantos outros. Por sua vez, o termo poesia é utilizado para ressaltar a capacidade de sentir que o sujeito (de) mostra, dependendo assim, da percepção do leitor, que ao apreciar uma pintura, ouvir uma música, consegue absorver imagem, som, cor por meio de suas sensações.

A experiência, desde Aristóteles, que nenhum elo de necessidade liga a poesia ao poema, e vice-versa. O que se nota é uma tendência para o estabelecimento de uma aliança entre a categoria abstrata ou semi-abstrata (poesia) e a categoria formal (o poema), de modo que, ao compor o poema, o criador de arte estaria cômico de, por meio dele, exprimir poesia. Reciprocamente, quando aspirasse a vazar em palavras o sentimento do mundo que o habita, buscaria a forma do poema. (MOISÉS, 2003, p. 129).

Evidenciando-se assim as distinções entre os termos poema e poesia, o primeiro esta mais para a estrutura e elementos formais, o segundo esta para o abstrato, do sentir e perceber o mundo. A poesia rica de recursos e encantos provoca no sujeito o desejo ao enxergar o mundo, de modo subjetivo. A curiosidade move o “eu”, que passa a refletir a si e ao outro, como agentes atentos aos detalhes, extraído informações ao mergulhar em toda magia das estrofes, nas rimas, aliterações, esses e tantos outros elementos, possibilitam ao leitor

apreciar o belo de cada verso, criando novos sentidos ao e para o mundo, sobre isso fala Lajolo (1993, p. 15): “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”.

As definições entre os diferentes gêneros textuais, literários ou não, é atividade que auxilia o professor em sua tarefa de trabalhar com os textos, pois lhe permite visualizar melhor a essência e as qualidades deles, a fim de poder montar de maneira mais adequada e eficiente seu trabalho docente. Além da função mais utilitária, o conhecimento da literatura amplia-se para saberes e experiências culturais e históricas: “Nos temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (COSTA, 2007, p.20)

Quando o texto afeta o leitor, no sentido de inquietá-lo a refletir, a adesão do leitor para o texto acontece de modo sereno, proporcionando dessa forma que as informações se ampliem, e as interpretações vão além do dito, na perspectiva sociocultural. A poesia, em toda sua riqueza de detalhes, lirismo, temáticas diversas que abrem um leque de leituras, beleza, e tantos elementos são essenciais no processo formativo de leitores assíduos, que *interagem* com o texto. Existe em meio ao universo poético a liberdade de mergulhar nas palavras, como uma fonte de descobertas.

Não se deve unificar a leitura, ou seja, não existe apenas um modo único de ser ler e interpretar um texto poético, exatamente porque esse gênero em meio a toda sua sensibilidade abre condições para que cada leitor se permita acrescentar seu modo de vê e sentir, não se prendendo a leitura como um exercício de opiniões fixas, o leitor tem a liberdade de pensar e dialogar segundo suas percepções. Existindo assim, proximidades na relação intensa entre texto e leitor.

As construções a partir de exercícios que permitam ao leitor (re) interpretar aquilo que lê, em meio a seus infinitos caminhos que faz do aparentemente ‘inaproximável’ algo alcançável e concreto. A escola como responsável pela mediação deve promover práticas de reconhecimento do gênero poema, pois suas contribuições auxiliam os alunos na construção da sensibilidade poética, permitindo que estabeleçam elos efetivos com as palavras, e assim, despertem para esse universo repleto de curiosidade, beleza cuja linguagem poética o transporta dentro de lugares que ora parecem estáticos, mas são movimentos de saberes.

Se alguém lê um poema para a criança, a melodia, o tom, a forma como se alternam tônicas e átonas, a presença maciça ou quase imperceptível da pontuação é percebida como forma de expressão corporal, pois envolvem a voz os gestos que acompanham. Se a própria criança está lendo será a vez de sua voz imprimir sensações que podem ou não se refletir na organização total do que foi lido. (GERBARA, 2012, p.38).

Quando o aluno consegue dialogar com aquilo que lê, desperta para seus questionamentos interiores, tornando-se capazes de ter segurança na oralidade, escrita e interpretação, expressando seus próprios anseios, sem medo de falar o que vê e sente suas inquietações, sonhos e leituras. Impulsionar os alunos requer antes de tudo, estabelecer estratégias que colaborem com isso, não se pode decidir apenas o trabalhar com o gênero poesia e/ou qualquer outro gênero, o primeiro passo é pensar: De que modo trabalhar? Como desenvolver esse trabalho? De que maneira ‘avaliar’ a receptividade do leitor?.

Na poesia e pela poesia se consolida o sentir o texto na sua imensidão de possibilidades e fruir o mesmo como um todo, que não é fixo, mas que abre ‘portas’, de acesso para outros saberes. Daí ser primordial os professores estabelecerem objetivos quando se propõe o trabalho com a poesia, direcionado os objetivos à serem alcançados.

As transformações ocorrem a todo o momento, o ritmo da sociedade exige cada vez mais, que as pessoas ‘mudem’ no sentido de interagir percebendo o meio social como um todo, que muitas vezes repletos de lacunas precisam ser preenchidas para de modo crítico ser compreendida. Nesse contexto, a poesia é de grande colaboração, pois desperta a sensibilidade ao abrir caminhos discursivos para que os sujeitos passem a lê o mundo de modos distintos, afinal cada um tem consigo a capacidade de perceber de modo distinto, mas ao se encontrarem são capazes de partilhar.

O professor deve ser referencial, além de mudar o modo como trabalha o gênero textual em sala de aula, deve primeiramente evidenciar para seus alunos que se deleita com a leitura do mesmo, pela potencialidade que essa possui, aliada a sensibilidade que desperta ao torná-lo um leitor que aprecia e também partilha. Leituras diárias de poesia é uma chance ímpar para que desde cedo os alunos se insiram nesse lugar de descoberta, toda leitura que encanta aguça o desejo de novas leituras. A motivação é essencial, ao ler textos poéticos, o sujeito amplia suas habilidades cognitivas, desenvolve o hábito cotidiano de ler por prazer além de aguçar seu olhar crítico sobre a realidade.

O texto poético estimula deixando fluir a imaginação e o afetivo, o sujeito passa a perceber a sociedade compreendendo a mesma como campo de saberes a serem desconstruídos para só então ser entendido.

O texto poético oferece ao leitor possibilidades para pensar a língua e sua carga expressiva. Ou seja, todo bom texto traz para o leitor informação e, ao mesmo tempo, o conduz a uma reflexão mais ampla envolvendo desde as questões

existenciais até o posicionamento do leitor em seu contexto social. (MICHELETTI, 2002, p. 22-23)

O texto poético é imprescindível na formação de leitores autônomos, por isso deve ser incorporado em sala de aula, e muito além de ser entendido possa ser sentido de tal modo que o leitor se posicionar socialmente.

2.8 Quem és tu Subjetividade?

*[...] encontrar a si mesmo em um **movimento** cujo momento essencial, não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma **prática** e em um **exercício de si sobre si** [...]*
(Foucault, 1994. p, 401, grifos meus).

Iniciamos esse tópico com um questionamento: Afinal o que é subjetividade? Segundo o dicionário “s.f Característica, particular ou domínio do que é subjetivo (particular e íntimo). Filosofia. Estado psíquico e cognitivo.²..”. Compreender o processo da subjetividade do indivíduo requerer pensar esse como ser social, individual, emotivo e ao mesmo tempo coletivo. Ainda sobre o conceito de subjetividade:

A subjetividade, então é um sistema em desenvolvimento, no qual as novas produções de sentidos constituídos nas atividades do sujeito influenciaram o sistema de configurações da personalidade não de modo imediato, mas de modo mediato nos processos de reconfiguração que acompanham a constante processualidade dos diferentes sistemas de atividades e de relações entre os sujeitos. (GONZÁLEZ REY, 2003, p 185).

As atividades passam a ser constituídas com novos sentidos, por meio das percepções, do sujeito que passa a configurá-las. Mediante uma leitura, consegue perceber o não dito. A sensibilidade de perceber os detalhes, torna as leituras marcantes, prazerosas, ao tempo em que deseja descobrir algo mais, e passa a fazer novas buscas. Ser subjetivo é descobrir, investir no texto em busca de pistas, caminhos que o levem mais além.

O desenvolvimento de uma teoria da subjetividade tem de permitir uma articulação tal de categorias, um modelo teórico que possibilite compreender em suas tensões, contradições, inter-relações e configurações, um conjunto de processos e operações diferentes, em que umas constituem as outras e são constituídas por aquelas em diferentes contextos da ação do sujeito e do desenvolvimento do geral em que implicam [...] (GONZÁLEZ, 2003, p.185).

Uma teoria da subjetividade que possibilite compreender o sujeito, levando em consideração a sua individualidade, potencialidades fragilidades. Ainda segundo Gonzáles (2003, p.185): “Nesse sistema se integram o pensamento do sujeito, as emoções, as situações vividas por ele, as quais aparecem numa multiplicidade de sentidos subjetivos.” Pensar a subjetividade

² Dicionário online. Acessado em 23 de outubro de 2017 às 22hs.

em diferentes contextos, é revelar o sujeito social, que integra diariamente ações em suas práticas de representação, forças, medos, inquietudes e desejos. O sujeito é muito além do que se percebe em seu exterior.

Assim, para que os leitores consigam ‘mergulhar’ no prazer da leitura seja nos versos, linhas, palavras, decifrando-os, resignificando e desconstruindo, é necessário que o professor proporcione um ambiente agradável e de estímulo, assim, o aluno não se sentirá cheio de incertezas em passar para o outro, que também compõe essa esfera social discursiva, as suas leituras. Por isso, é importante investir, no sentido de criar recursos, que abram portas, e ao encontrar essa porta o aluno, sinta-se convidado a visitar o universo poético, descobrir seus mistérios e transitar por ele sem medo.

Um ser em meio a toda sua subjetividade consegue ir muito além, do que ele mesmo imagina ser possível, consegue construir alicerces com sua própria maneira de sentir o mundo a sua volta, enxergando-o como horizontes repletos de belezas que precisam ser exploradas.

É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para o relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto com todos os outros conhecidos do leitor-lição maior!- a intuição da quase infinita interpretabilidade da linguagem de que os textos são construídos. É exatamente no exercício dessa reinterpretabilidade que cada leitor, assenhorando-se do texto, torna-se sujeito de sua leitura, espécie de reescrita significativa[...] (LAJOLO, 1993. 51).

A subjetividade é o sentimento que cada indivíduo possui, o modo como emite seus julgamentos, opiniões a partir e/ou sobre determinado tema. Ser subjetivo é algo que cada um tem consigo, vai apenas sendo ampliado, aperfeiçoando e apresenta mudanças de acordo com cada sujeito. De um modo objetivo, a subjetividade é o modo como ‘sente’ e percebe o contexto em torno de si, percebendo as cenas não como uma fotografia, cujos elementos se apresentam estáticos, mas sim, consegue enxergar o movimento dessa imagem, selecionando informações que de modo diverso traz suporte para elaboração do senso crítico, tornando-o um leitor que escolhe, seleciona, percebe o texto.

Ao longo da sua existência, o sujeito estabelece relações por meio de suas singularidades, se expressa diante do outro e esse outro também é composto por suas subjetividades. Assim, ambos fazem uso da linguagem e de modo dinâmico expressam suas emoções, experiências, inquietações, anseios, medos, desejos e pensamentos. Quando se fala em sujeito leitor todos

esses elementos devem ser acionados, aquele que lê é um ser social e ao mesmo tempo um ser subjetivo cujas emoções se afluam a depender da forma como é afetado pela leitura. Seja diante de um verso, uma palavra suas emoções despertam, ora pela lembrança de momentos de sua vida, ora por lembrar d algum episódio presenciado em sua realidade cotidiana, ora por lembrar outra leitura. O sujeito assim, se posiciona diante dos acontecimentos, questionando-o e tomando decisões.

Em sala de aula as histórias de vida de cada um, os conhecimentos de mundo se encontram, em meio à diversidade, pois cada uma é uma potencialidade particular, logo, dentro de um mesmo espaço, subjetividades distintas se encontram e passam afetar uns aos outros, um afetar que impulsiona esses sujeitos a olhar a “si” e olhar ao outro.

Assim, a subjetividade parece nunca se revelar completamente o sujeito à tem sem mesmo notar que ela o habita, mas inevitavelmente em cada produção um conjunto de impressões sugere ao leitor detalhes essenciais, estabelecendo vínculos criados em meio às disparidades. É interagir, produzir sentidos e ao mesmo tempo reproduzi-los em uma manifestação plena de resignificações através do olhar que observa, desvenda, percebe e descobre no texto.

O conjunto das condições que torna possível que as instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como um território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, F. 1992, p.19).

O sujeito em sua instância individual e coletiva ao encontrar novas formas de experimentar desafios, com os quais se depara em casa, na rua, na escola e nas leituras. Desafios de pensar a própria maneira de ver outros mundos em toda sua multiplicidade, atravessando espaços encontrando potencialidades subjetivas.

3. ENTRE OLHARES E DIZERES: a escrita dos alunos

Depois de realizadas as oficinas poéticas, mediante diálogos, partilhas e produções orais e escritas, desenvolvidas pelos colaboradores, partimos para realização das análises dos dados da pesquisa. Sobre isso Lakatos e Marconi (2003, p. 168), dizem que “na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas”. De modo a refletir se os objetivos foram e/ou não alcançados. Não trabalhamos com dados estatísticos, uma vez que nossa pesquisa é de caráter qualitativo, porém iremos refletir a partir do processo de geração de dados, dos momentos partilhados com os sujeitos.

3.1 O que nós enxergamos a partir da poesia

As observações foram significativas para perceber as singularidades dos colaboradores da pesquisa, exatamente por isso, em dias que antecederam a realização das mesmas, logo após nos deleitamos com a leitura de um texto escolhido por um dos alunos, cada um recebeu uma folha em branco para que fizessem seus registros escritos sobre a seguinte pergunta: O que é leitura para você? As respostas foram feitas no papel e só depois discutidas oralmente: Alguns alunos disseram:

(M, 9 anos)

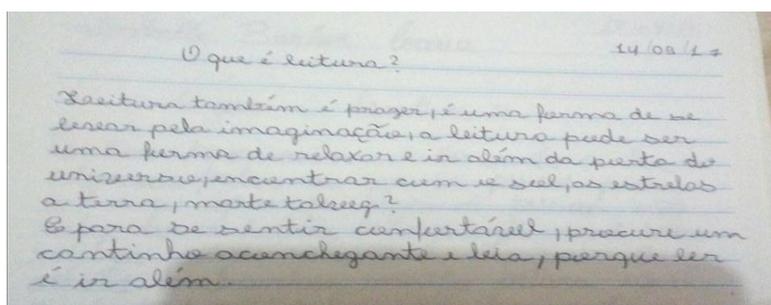


Figura 1: fotografia de uma produção escrita: O que é Leitura?

A resposta da aluna mostra toda sua subjetividade interpretativa e de escrita, ao perceber a força que a leitura representa na sua vida, na sua formação. A leitura dita por ela é a leitura do prazer, da imaginação, do ir além. Além de, falar de um modo poético e maduro. Segundo Lajolo (1993, p.33): “é na posição de leitor que se encontra as credenciais mais fortes [...]”

Outro aluno (D, 9 anos) disse o seguinte: “Leitura é o melhor caminho para todos nós para cada escada da vida precisamos da leitura é fundamental algumas vezes eu não queria ler mas fico agradecido por ter lido por toda minha vida ter lido então ler é mais que ótimo [...]”. Nessa fala, mesmo que o uso da pontuação fuja das normas gramaticais, existe uma percepção essencial, quando afirma que a “leitura é o melhor caminho”, pois é ela que cria possibilidades para compreender, o mesmo aluno vai além e conclui: “[...] a leitura merece ser feita por todos, quem não lê não aprende e vive sem conforto. Tem pessoas que não leram e não tem nada na vida e vive no mundo do crime e isso que eu acho da leitura.”

Fazendo uso do “eu” com bastante ênfase, ele deixa claro que essa é sua opinião sobre o questionamento lançado, e que muitas pessoas perdem oportunidades na vida, por não terem acesso às leituras, pois sem elas deixam de “aprender” e muitas como se observa na sociedade contemporânea, vivem à mercê da própria sorte, uns no mundo do crime, outros morando nas ruas, sem oportunidades. A leitura sinalizada por esse aluno, é uma espécie de “horizonte” aquele que o encontra, terá chances brilhantes.

O ato de ler muitas vezes não é para alguns é algo agradável, há quem leia por obrigação e não por prazer, por outro lado, existe também aqueles que são resistentes por não se sentirem motivados a participarem desse universo, não demonstrando assim, interesse, vontade ou realização durante as leituras.

Segundo Cosson (2009)

A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (p. 40).

Deve, portanto, acontecer não apenas no cotidiano escolar, pois assim será um mero ato regular e obrigatório, a leitura plena constrói a fruição perceptiva do aluno.

Leitura para mim é muito importante leitura me faz voar gosto muito de ler quando eu era pequena não sabia ler mais agora sei ler, para ler eu sinto felicidade a leitura é muito legal, adoro ler, sempre quando leio fico muito feliz quando você ler você vai saber de várias coisas novas. (I, 9 anos).

A leitura como voo, que traz felicidade por conhecer coisas novas, permitindo ir muito além das páginas, como se o livro e/ou texto desse ao leitor asas, e liberdade para ir onde desejasse. Ao tempo que é incentivo como escreveu a aluna

A leitura é uma arte e um incentivo pra muita gente uma forma de aprendizagem de novas descobertas uma forma de fazer a imaginação fluir quando você está lendo você se diverte e as vezes você pode conhecer a vida do autor então é isso que eu acho da leitura. (Ma, 8 anos).

Leitura como arte, magnífica forma de “definição”, demonstra como é algo belo, lugar das descobertas, do enxergar a realidade social, como algo não aleatório de “si”, mas lugar das práticas. A aluna, em sua fala vai mais além, quando diz que a leitura é uma “forma de aprendizagem”, por meio das quais se descobre, conhece outros contextos, épocas e figuras, a quem ela referencia como autor, isso é, autor do texto que se lê, conhecendo-o como parte também importante desse processo. Para Cossan (2009, p. 27): “[...] ao lermos, abrimos uma porta entre nosso mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva [...]”. Abrir portas, são elas que promovem as idas e vindas no texto, para que essas leituras sejam significativas, e não se tornem meras palavras decodificadas, e sem intervenção do leitor, intervenção no sentido de multiplicidade de interpretações. A leitura não é algo que deva acontecer apenas nas aulas de língua portuguesa, é algo multidisciplinar e requer elementos diversos: percepção, discussão, agir. Nessa perspectiva, temos a fala do aluno

A leitura é uma forma de aprendizagem que precisa de muita atenção, o texto é composto por imagem, tipos de pontos e um título ler não é só ler é aprender há pessoas que nunca entendeu isso, há diferentes tipos de tema, matemática, ciências, história, português, física e etc. Há leitura tem que passar por fases primeiro aprender a sílabas e tente ler, a leitura tem a ver com a gente isso faz nos aprender a viver na terra. (A, 9 anos).

O aluno fala da leitura como um constante aprender, por meio do qual se é possível viver, e para que os momentos de leitura sejam eficazes é necessário compreender as particularidades do texto, que ele tem elementos –como imagem, título, entre outros– necessários à sua percepção como um todo. Ele explica ainda, que há diferentes tipos de tema, em seguida cita algumas disciplinas, mostrando que existe uma diversidade delas, que são campos de leituras, e que em cada uma o processo de leitura passa por fases, como ele coloca aprender as sílabas, ou seja, a fase inicial da percepção, para só então seguir rumo a outros encontros e encantos do texto. Dessa forma,

Leitores inferem quando utilizam o que já sabem, seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas do texto para chegar a uma conclusão, tentar adivinhar um tema, deduzir um resultado, chegar a uma grande ideia etc. se os leitores não inferem, então não entendem a essência do texto que leem. Às vezes, as perguntas do leitor só são respondidas por meio de uma inferência. Quanto mais

informações os leitores adquirirem, mais sensata a inferência que fazem. (GIRROTTO E SOUZA, 2010, p.76).

As inferências são essenciais para que os sujeitos consigam compreender e atuar diante de suas leituras, e exatamente por isso, questioná-los sobre o que é leitura para eles, não significou apenas selecionar respostas, mas abrir “portas” para que inferissem suas opiniões, fazendo uso do “eu” e “mim” com toda força de algo que nasce de seres afetivos e singulares, sem medo de exteriorizar para o outro seu modo de enxergar as coisas. Durante as discussões orais as respostas, os alunos disseram que é um gesto de felicidade, por isso, ser tão importante, é legal, consciente, confortável e traz felicidades.

O gênero poema faz parte do conteúdo do módulo escolar, assim como a fábula, o cartum, as histórias em quadrinhos, a capa de revista o conto e outros, que são trabalhados por unidade. Os alunos já haviam tido contato com o mesmo em anos anteriores. Esse ano contemplamos a proposta do módulo, tentando ampliar o modo como utilizá-lo, para que os alunos pudessem perceber toda riqueza desse gênero, assim, de um modo bem tímido, começaram a escrever seus próprios versos.

No entanto, ainda existem lacunas no que confere ao suporte para se trabalhar com esse gênero, ainda é necessário se pensar propostas metodológicas para utilizá-lo de modo eficaz, abrir espaços para interpretação, pois precisamos de sujeitos pensantes e que atuem diante do texto, desconstruindo-o, para então fazer suas complementações, investigando, e utilizando todo seu conhecimento de “vida” para resignificar tudo que está posto no texto poético, e em qualquer outro.

Ao longo das tardes, de convivência e afetividade, observei também que alguns alunos ainda se sentem tímidos nos momentos de leitura em voz alta, por isso, a utilização dos poemas colaboraram também para expressividade do leitor, diante do outro e de si, pois, quando se sentem seguros daquilo que leem, passa a confiar mais em suas potencialidades e não se restringem apenas aos momentos de leituras silenciosas- não que esses momentos não sejam importantes. O desenvolvimento das oficinas proporcionou que a dinâmica em sala fosse exteriorizada possibilitando que as aulas fluíssem de maneira harmônica e cheia de novos aprendizados.

É importante ressaltar que o texto poético, vai muito além das belezas dos VERSOS. Ele promove o despertar das sensações diante do texto (ser tocado pelas palavras), os momentos de reflexão (que permite desconstruir) e o (re) criar, a partir daquilo que se tem em mãos e

em sua bagagem de mundo. Pensando nessas questões, três etapas foram essenciais, ao longo do desenvolvimento das oficinas: percepção, discussão e criação.

A saber, a primeira, pela experimentação da sonoridade, do ritmo, da voz, apreciação do texto como um todo, repleto de riquezas. Assim, foram se sentido conquistado a perceber a poética do texto e abraçá-lo, quando finalmente puderam deixar que as percepções ecoassem em suas vozes, nos momentos de leitura, individual, coletiva.

A segunda, já mais amadurecida, por eles já se sentirem confiantes em perceber o texto, e como tal refleti-lo, interpretando a partir da leitura de poemas, e da escuta do outro. A imaginação desperta para aquilo que o poema oferece em seus versos, ao tempo que lhe permite atuar sobre ele, passando para terceira etapa, a da criação, quando já seguro de si, o aluno usa as etapas anteriores e passa a transformar, expressando através de suas produções em versos, demonstrando assim, que todo o caminho trilhado lhe deu suporte para que as aprendizagens fossem se ampliando, e agora, a oralidade, a interpretação e a produção passam a ser resignificada.

No que confere a participação dos colaboradores nas oficinas, contamos com quinze participantes, atuantes e frequências no desenvolvimento das seis oficinas.

Segue quadro com a relação dos nomes dos colaboradores e respectivos sexo, ano/série e idade. Optei por identificar cada participante pela inicial do primeiro nome e idade, como existiram alguns casos que a inicial ficaria idêntica ao do colega, optei pela inicial do segundo nome.

Quadro 2: Identificação dos colaboradores

Nome	Sexo	Idade	Ano/série
A	Masculino	9 anos	3°
N	Feminino	9 anos	3°
D	Masculino	9 anos	3°
S	Masculino	9 anos	3°
I	Feminino	9 anos	3°
V	Masculino	9 anos	3°
K	Masculino	9 anos	3°
L	Feminino	9 anos	3°
H	Masculino	9 anos	3°
M	Feminino	9 anos	3°
Ma	Feminino	8 anos	3°
F	Feminino	8 anos	3°
G	Masculino	8 anos	3°
Y	Feminino	9 anos	3°

Primeira oficina *A poesia no chão da minha escola*

O primeiro encontro teve como finalidade apresentar para os colaboradores a proposta das oficinas bem como fazer um levantamento sobre o que conheciam do gênero textual escolhido para acolher os encontros, suas proximidades e distancias saber como é a relação texto/leitor. O momento inicial da escuta, tão precioso para criar laços e dinamicidade tão necessária ao longo da geração de dados.

Todas as oficinas foram pensadas com muito carinho e para que pudesse acolher todos os rostos ali presentes. Para isso, o ambiente foi organizado de modo aconchegante, na sala de aula foi montada uma árvore poética, com poemas de autores selecionados para serem vozes e despertar vozes durante e pós-oficinas, alguns como: José Paulo Paes, Rute Rocha, Manoel de Barros, Cecília Meireles. A medida que as oficinas foram acontecendo os alunos foram colaborando para que a árvore desses novos frutos (todos os dias puderam anexar um poema de sua preferência, esse gesto não foi realizado por todos, mas cada um que o fez, foi um semeador de singularidade.

Além disso, em um cantinho da sala foi exposto o baú das fotos e biografias dos poetas dos poemas expostos na árvore, o cantinho foi intitulado pelos alunos, como *Cantinho dos Poetas*. Pois, ali puderam conhecer a trajetória de vida de cada um, para que compreendesse que não se nasce sabendo de tudo, cada um desperta suas potencialidades.

Nesse primeiro momento, tivemos a etapa percepção montamos o cantinho da leitura, algo sempre presente nas tardes, só que agora com sabor da poesia. Foram questionados: Gostam de poema? Já participaram de momentos leitores com esse gênero? Leem poema com frequência? Alguém na classe já escreveu poema? Você conhece alguém que escreva? O sujeito assim como tem direito a um lar, saúde, moradia, educação, lazer também tem direito a participar do universo da literatura, do sentir a poesia que emana dos textos, deleitando-se sem pressa.

Para isso, todos foram para sala de multimídia, e foram convidados a fazer parte do círculo poético, fechar os olhos, e ouvira a música *Meninos*, de Xangai. Ouvir a canção imaginando cada cena, som, cor, despertando o sentir subjetivo. Em seguida, cada aluno recebeu um pedaço de cartolina em branco, para a produção: Criar uma tela com uso de tinta e pincel a partir da música ouvida, deixando que toda a emoção se materializasse no papel em forma de cor. Como pode ser observado na foto/registro.



Figuras 2. ALVES, 2017: Momentos das produções/pintura a partir da música *Meninos*, de Xangai. registros das produções concluídas.

Segunda Oficina: *Falando de Poesia*

Os alunos foram recepcionados com os versos recitados, *Tem Tudo a Ver* de Elias José.

*A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.*

*A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.*

*A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.*

*A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.*

Usando a voz, a sonoridade e o ritmo do corpo, para que os alunos se deixassem sentir os encantos desse uni*VERSO* que aquece e se faz presente no cotidiano. A leveza dos versos, em um “abrir os olhos” e poder sentir e perceber tudo em volta. Feito isso os alunos foram

questionados se já haviam se perguntado o que é poesia? Se assim como no poema recitado conseguiam enxergar poesia no cotidiano, nas ações diárias, seja em casa, na escola, com os amigos. É sabido que em alguns momentos, se confunde poema e poesia como termos de significado idêntico, no entanto, mesmo que tenham uma conexão forte, apresentam distinções. Por isso, foram questionados se conheciam o significado do termo/forma poema, em seguida sinalizando as distinções entre esses termos, embora “próximos” são distintos.

Na etapa seguinte da oficina procurei investigar o que os colaboradores conseguiram compreender acerca do gênero, tendo em vista, o contato com o gênero em momentos outros, buscando perceber e instigá-los a refletir a representatividade desse contato para suas aprendizagens. Para isso, elaborei um questionário intitulado *Uma conversa para além dos versus*, no qual os participantes puderam deixar seu registro escrito, expressando suas respostas, ideias e conhecimentos, tão necessários em sua formação leitora. O Objetivo do mesmo foi perceber o interesse pela leitura em sua diversidade de gêneros, saber suas preferências e perceber suas proximidades e/ou distância com o gênero poema. Todas as perguntas foram lidas e explicadas, a fim de que compreendessem os questionamentos, tirando assim, suas dúvidas em relação a algum enunciado que por ventura não tenha sido compreendido pelos mesmos. O referido questionário e poemas produzidos pelos próprios alunos, consta no Apêndice B: Questionário: Uma conversa para além dos *versus*.

Assim, a partir das respostas dos alunos destaquei alguns aspectos essenciais e significativos para as discussões: a proximidade existente entre eles e o texto poético; Como algo que inquieta, desperta as emoções; como produção e sensação ao produzir. Desse modo, não me preocupei em analisar todas as questões e respostas, mas selecionei apenas algumas.

A proximidade existente entre eles e o texto poético: Ao serem questionados se a leitura consegue criar elos entre texto e leitor, você enquanto leitor acha que os poemas conseguem de alguma maneira tocar as pessoas fazendo-as refletir sobre a vida? Conte-nos um pouco. (Questão 6).

Sim, porque eles falam coisas muito verdadeiras. (M, 9 anos)

Sim, pode fazer alguém chorar, se emocionar, se divertir, se entreter, etc. (D, 9 anos)

Sim, é você imagina o que você ler, por ex: o rio faz uma volta, você imagina que tem um rio faz uma volta que é uma curva. (A, 9 anos).

Sim, os poemas são feitos para refletir. (G, 8 anos).

Sim, um poema pode ser tão criativo que pode tocar as pessoas. (N, 8 anos).

Sim, minha colega chorou enquanto minha pró estava lendo. (L, 9 anos).

Nas respostas registradas pelos participantes notei que percebem o poema em sua forma de tocar as pessoas, por mexerem com a emoção, atribuindo assim, ao poema não apenas a função de passar uma mensagem, mas de ir além, exatamente por “dizer” coisas verdadeiras, permitir imaginar as cenas da própria leitura, ao tempo em que emociona e tal emoção é exteriorizada ao outro. E quando esse gênero é capaz de sensibilizar a poesia é percebida pela receptividade e sentir.

Segundo Otávio Paz,

A poesia pertence a todas as épocas é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia, mas existem os que não tem prosa. Portanto, pode-se dizer que a prosa não é uma forma de expressão inerente à sociedade, ao passo que é inconcebível a existência de uma sociedade sem canção, mitos e outras expressões poéticas. (1982, p. 8).

A poesia que emana das leituras é algo grandioso e como tal torna-se primordial promover ao aluno esse contato frequente de deleite, a poesia que “vem de dentro” encanta, aquece e humaniza. E como respondeu o participante (G), os poemas fazem refletir e quando isso acontece é possível mergulhar em elementos que afloram a subjetividade que deseja expressar aquilo que percebe eis a poesia do ser, e como os participantes ressaltaram você imagina e deixa sua criatividade e emoção fluir.

Como algo que inquieta, desperta as emoções: Na escola você e seus colegas já utilizaram poemas nos momentos de leitura em sala de aula? Como foi? (Questão 9).

Sim, foi ótimo foi legal e emocionante. (I, 9 anos)

Sim, a professora leu um poema e uma colega chorou (D, 9 anos)

Sim, geralmente no fim da tarde a pró, nos pede para ler alguma coisa, e quem lê geralmente é o leitor do dia (M, 9 anos)

Sim, foi bem legal fizemos uma roda e cada um leu um poema (F, 8 anos)

Os participantes justificaram suas respostas e eles dialogam, pois além de responderem que foi um momento legal, de partilha em um momento de unir afetividades e a alegria de ler um

poema e transbordar emoção. O momento de leitura que emociona, quando (D). diz que a colega chorou tomada pela emoção de ouvir um poema que lhe fez de algum modo lembrar algo especial, ou simplesmente por sentir-se sensibilizada. Ao ler, ouvir e refletir cada um sentiu a transformação do outro e também de si.

Um poema, não é apenas uma estrutura rebuscada, de métrica perfeita, lapidado para deslumbrar por sua forma, é mais que isso, é uma criação que partiu de um ser, perceptivo, elaborado por escolhas particulares, mas que sempre “abre” espaços para serem ampliados pelo olhar leitor, responsável pela significação. Para Paz,

[...] Todo poema é coletivo. Em sua criação intervém, tanto ou mais ainda a vontade do poeta, a própria linguagem de sua época, não como palavra já consumada, mas em formação. Depois, queira ou não o poeta, a prova da existência de seu poema é o leitor ou ouvinte, verdadeiro depositário da obra, que, ao lê-la, a recria e lhe outorga sua significação final. (1982, p. 339).

Leitor ou ouvinte tem papel determinante diante do poema, ele é coletivo, por não se limitar apenas como produção intelectual de um autor, mas, por ser resignificado por seus leitores, que fazem uso de seus elementos, sonoros, semânticos produzindo suas percepções.

Como produção e sensação ao produzir: Para esse aspecto, foram selecionadas algumas respostas para questão: Você já escreveu poemas em algum momento? Como foi para você ser autor de seus próprios versos (questão 11)?

Sim, foi maravilhoso criar um poema (V, 9 anos)

Não, na verdade queria escrever um (K, 9 anos)

Não, eu não lembro muito (S, 9 anos)

Sim, foi muito legal fazer um poema e lindo maravilhoso e magnífico (L, 9 anos)

Sim, foi muito legal escrever meus próprios versos (F, 8 anos)

Sim, foi divertido e acho que ficou aceitável (D, 9 anos)

Em casa eu tenho um livro cheio de poemas que faço, é tão bom refletir o que pensa (N, 9 anos)

Assim, como nas perguntas anteriores, as respostas se aproximam, além de manifestarem ter sido maravilhosos, escrever seu próprio poema (V e L), ou que tenha relato de alguém que no momento não tenha lembrado se em algum momento já tenha produzido seus próprios versos, existe aquela (N) que diz ter seu livro de poemas, um registro de reflexões do que

pensa. O texto poético deve fazer parte das mediações em sala de aula, pela potencialidade de sua linguagem, ao permitir que o leitor experiente e explore todos os recursos imagéticos, sonoros, semânticos e atemporais do texto.

Para finalizar a já citada oficina com leitura e produção, um aluno do poema *Oficina de Poesia*, de Sérgio Vaz.

"o que é poesia?" O menino me perguntou.
 "Poesia é a forma diferente de olhar as coisas."
 Eu perguntei:
 " o que tem nas minhas mãos?"
 "Água." Todos responderam.
 Perguntei de novo
 " o que tem nas minhas mãos?"
 "água."
 Perguntei mais uma vez, só que desta vez alguém lá no fundo disse
 "mar"
 do outro lado alguém disse
 "Chuva"
 "enchente"
 "lágrimas"
 "Vida"
 "suor"
 "refrigerante"
 "suco"
 "banho"
 etc.
 etc.
 etc.
 Aí, eu disse:
 "Pera lá, mas agora pouco não era só um copo de água?"
 "ha, ha, ha, ha, ha, ha..."

E todos nós rimos como se a dor não existisse.
 E a água da poesia quase afogou meus olhos.
 O Coração já tinha transbordado há muito tempo.

A sala foi dividida em duplas, e cada uma recebeu a cópia do poema e uma folha em branco para participar do desafio poético foi que consistiu em: deixar a imaginação fluir e criar uma releitura do poema lido. De um modo geral as produções feitas pelas duplas trazem a poesia como algo importante, belo, observado nas coisas do cotidiano, nas emoções.

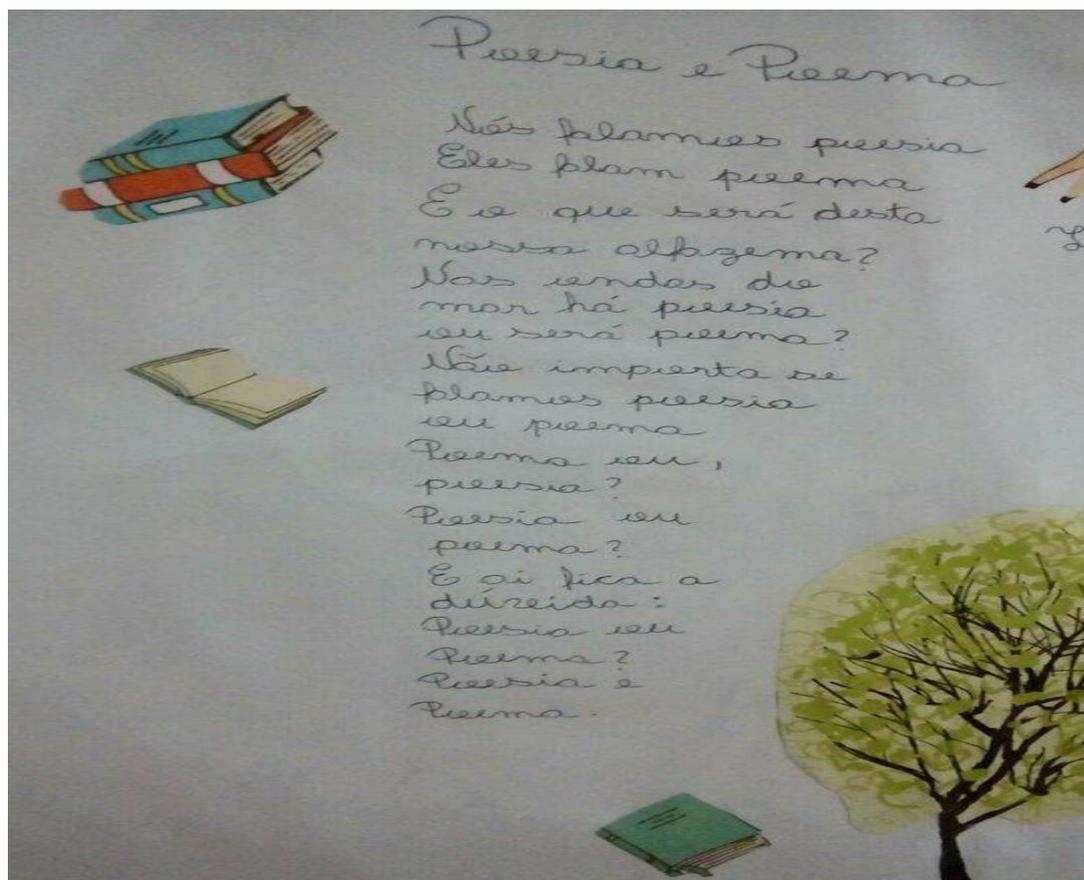


Figura 3: ALVES, 2017. (Alunas, M e L): Produção escrita.

Brincam com o significado e modo como algumas pessoas se referem à poesia e ao poema, rimando com alfazema, criam uma sonoridade que deixa o ritmo dos versos mais convidativos e atraentes para o leitor. “Nas ondas do mar há poesia ou há poema?” Usam dos questionamentos para seguir as rimas de maneira confortável e alegre, e vão além, quando afirmam que não importa se como falamos, o importante é sentir, mesmo que a dúvida sempre exista se é poesia ou poema ou vice-versa.

Segundo Paz,

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza[...] A poesia revela este mundo; cria outro[...]Isola.Une. Convite a viagens à terra natal. Inspiração, respiração... (1982, p.15).

Por sua vez, (N e D), falam de poesias como um encontro que acontece a partir das próprias inquietações: “Eu estava me perguntando o que tem nas minhas mãos [...]”. E seguem respondendo de modo leve e dinâmico, trazendo infinitas possibilidades de coisas, elementos que muito além de unir em rima os versos, simbolizam a apreciação de toda beleza que existe em volta de todos nós e que nem sempre paramos para contemplar: Natureza, pureza, grandioso, nobre, vida e mundo, palavras sintonizadas e estruturadas no

jogo do brincar com as palavras. A poesia vista “nas mãos” é do toque, da força e do encantar-se com a vida.

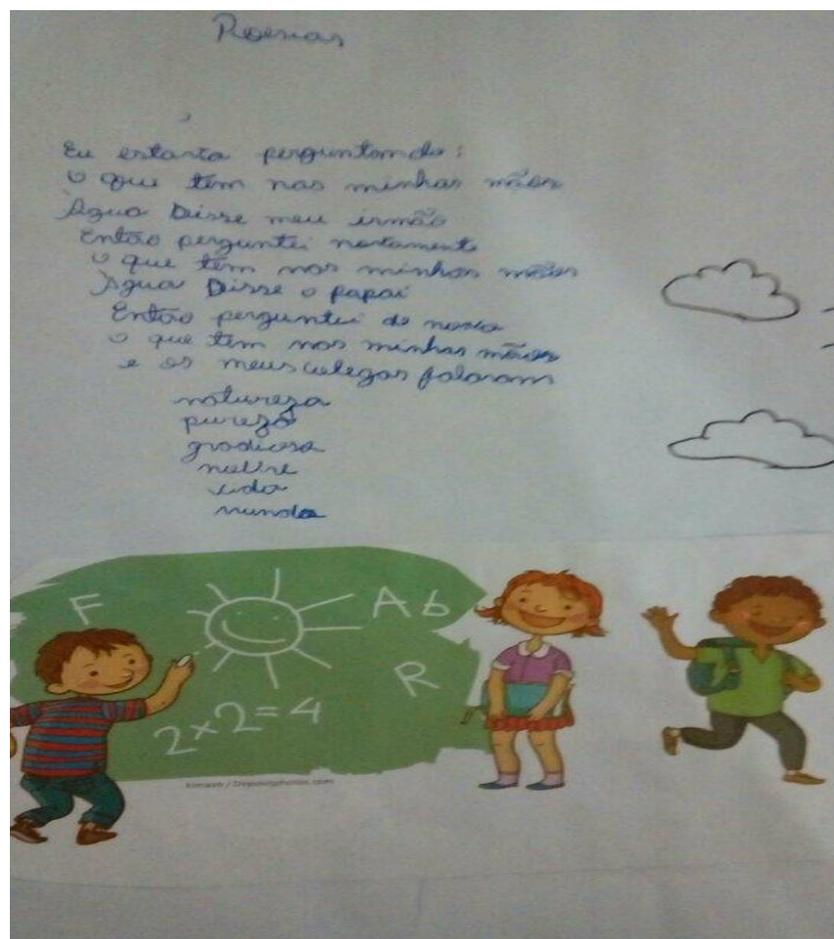


Figura 4: ALVES, 2017: Produção escrita.

No mesmo ritmo de pergunta (A e K), versam com a ternura nas palavras, se questionam e vão trazendo possibilidades de respostas, o que deixa seu texto poético autêntico, e repleto de traços de dois seres subjetivos.

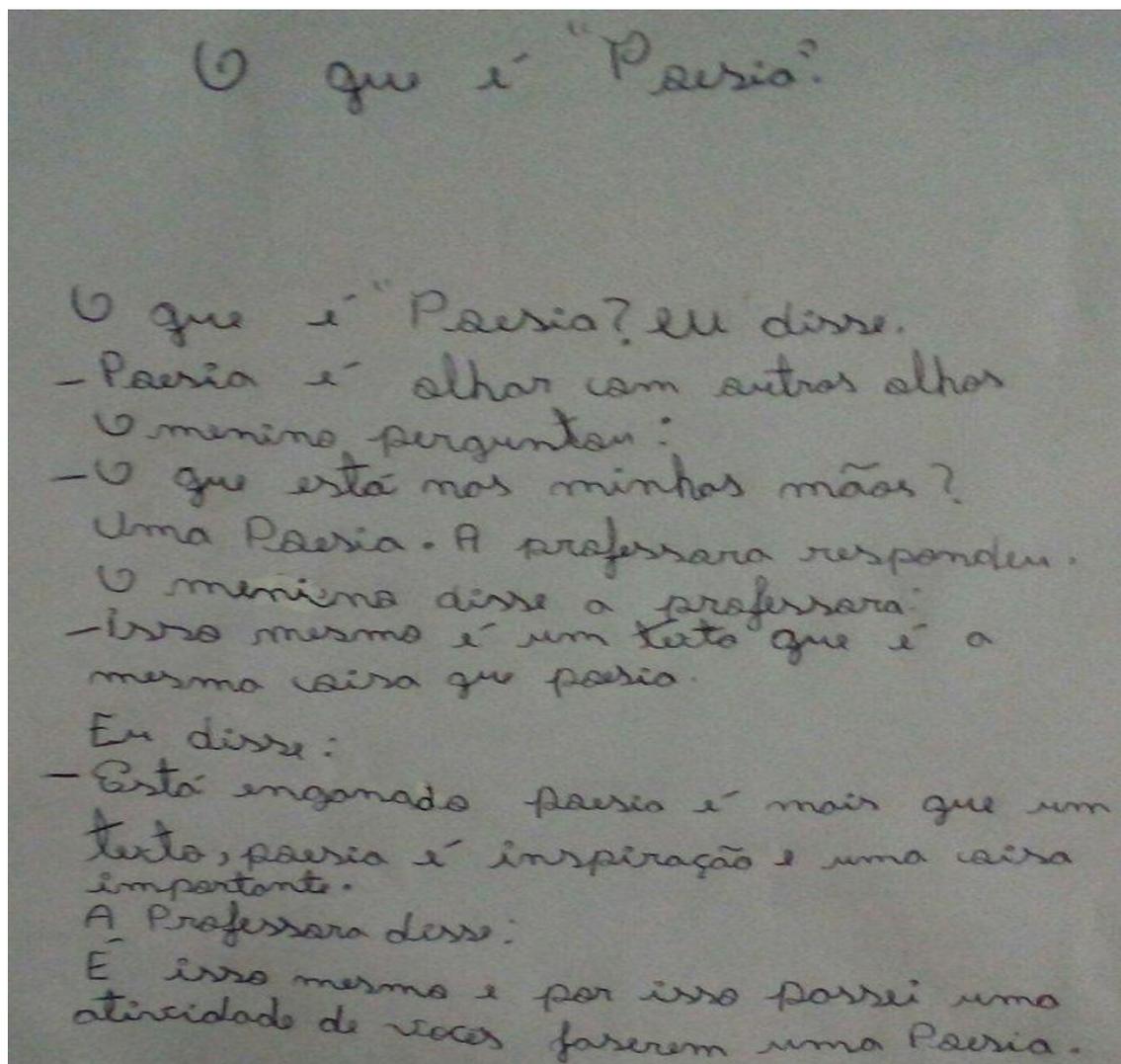


Figura 5: ALVES, 2017. Fotografia de produção escrita.

Para eles poesia é olhar com outros olhos, como se permitir “enxergar” de outras maneiras, se torna mais fácil perceber as infinitas coisas, descobrir encantos novos. Brincam com tamanho conforto, que afirmam que “poesia é mais que um texto, poesia é inspiração [...]”.

A poesia que provoca emoção para aquele que a lê e naquele que a escreve, em um gesto de completude. Sobre a poesia como emoção, escreveram (A e H), em uma combinação de palavras, ao tempo em que convida o leitor a perceber a poesia como “artéria” pulsante em cada um.

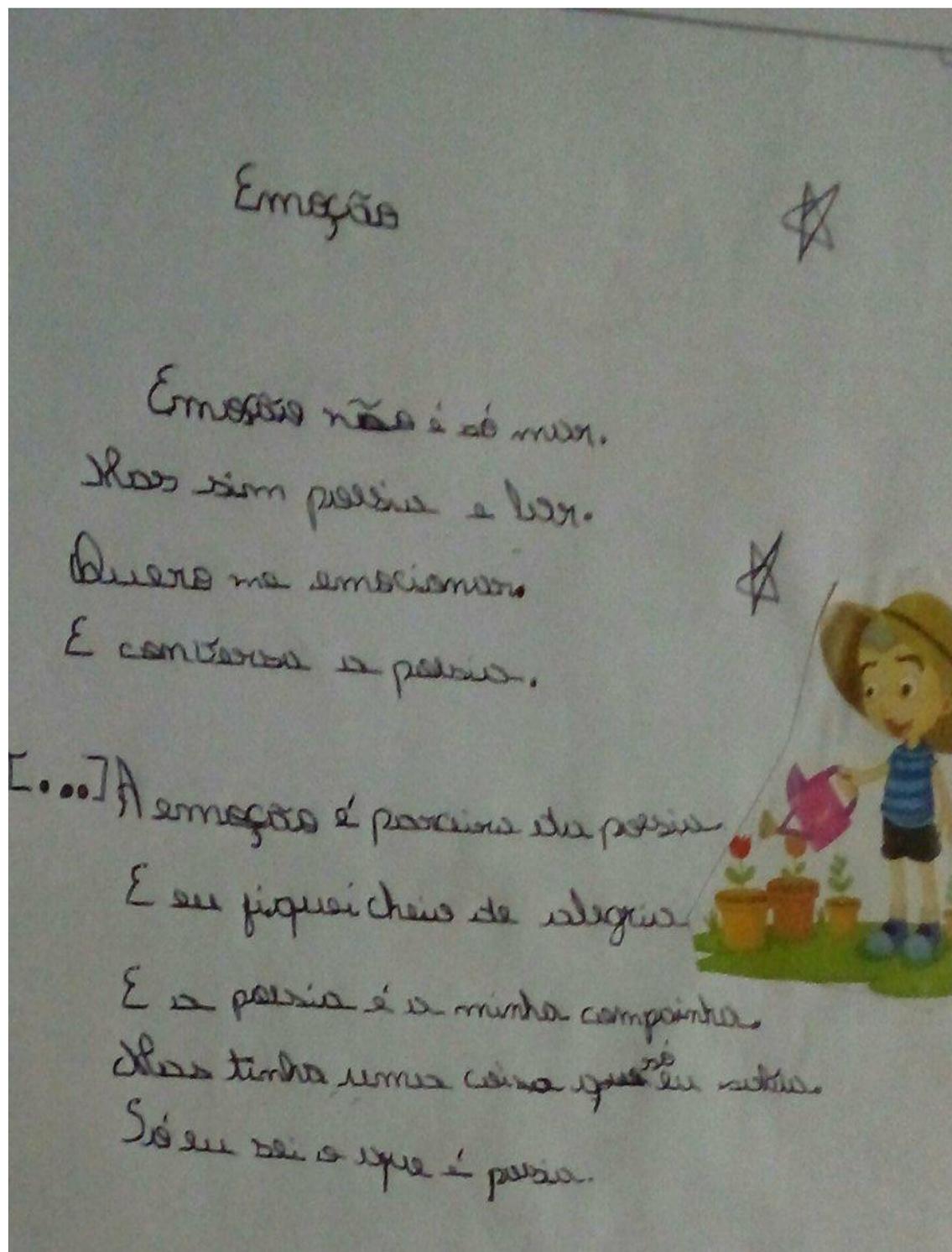


Figura 6: ALVES, 2017. Registro de produção escrita.

A poesia como emoção, e horizontes assim a dupla articula os versos e seus elementos sonoros, ativando a todo o momento seus conhecimentos, como se fossem asas que os mantém em pleno voo.

Para a participante (Ma), a poesia é arte, uma arte de vida que sente todas as manhãs em seu despertar matinal.

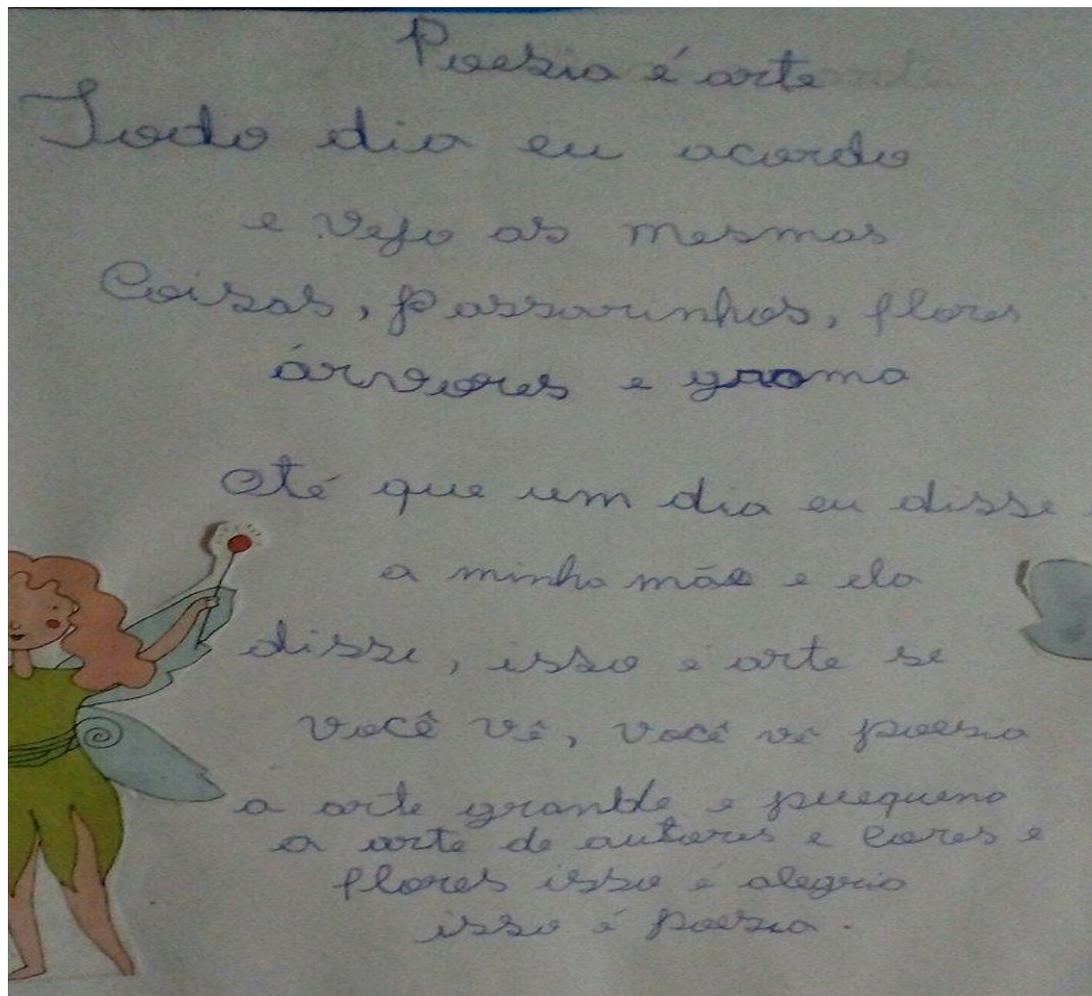


Figura 7: ALVES, 2017. Produção escrita.

Embora cite vê as mesmas coisas todos os dias, é como se a cada dia conseguisse percebê-las com um olhar novo, sejam os passarinhos, as flores, as árvores ou a grama. Nos versos ela evidencia, “até que um dia”, sua mãe lhe disse que ela enxergava poesia, e maravilhada ela segue percebendo a arte poética em seus “despertares”, escrevendo arte poética em sua maneira de viver a vida.

As participantes (Y e F) ao “lapidarem” seus versos dizem

*“Poesia é um texto
 Bonito e emocionante
 A poesia é uma
 Flor cheirosa e linda
 A poesia é um céu*

Bonito e um sol brilhando

Sempre a poesia é bonita como arco-íris”.

Poesia como arco-íris que emociona em todas as suas formas, cores, sabores e perfume. Por permitir que o leitor se deixe ir, sem medo de inquietar-se com as próprias descobertas provocadas delicadamente pelo texto, pois a poesia dita pela dupla é cheirosa, linda, brilhante como o sol e, portanto, pulsa como o ar que respiramos. A poesia nos faz voar, como afirma (I e G): “[...] A poesia me faz voar. Poesia é cada dia que o dia passa é uma poesia. A poesia nos deixa com os olhos cheios de lágrimas [...]”

Por fim, deixamos aqui o registro do aluno (I, 9 anos):

“Eu pergunto o que não é poesia

Todos ficaram curiosos...

Eu respondi: não é uma fábula, não é um conto,

não é nada eu disse que é uma coisa impossível de saber, se você não ler

Você não vai entender, então todos me chamaram

De poeta aí eu fiquei muito inspirado.”

Interessante como ele desconstrói a pergunta que foi direcionada para que produzissem, nessa desconstrução, consegue ir além, e como ele bem fala “eu pergunto o que não é poesia [...]”

Assim, fica o convite para as leituras, partilhas e produções da terceira oficina. A poesia nos move...

Terceira Oficina: vamos brincar de Poesia?

Iniciou-se à tarde com a leitura do Poema *O que os olhos não veem* de Rute Rocha. Para esse momento a sala foi organizada em círculos de leitura poética. Iniciei a leitura e a pasta poética foi passando de mão e mão até que todos contribuíssem em voz e gestos. Os participantes foram instigados a pensar sobre:

- ✓ O título já lhe mostrou pistas do que o poema iria abordar?
- ✓ Se você fosse coautor do texto você mudaria alguma coisa? O que?

No segundo momento da oficina, os participantes foram convidados a se direcionar a árvore poética, escolher uma flor, fazer leitura silenciosa. Em seguida, receberam duas folhas (uma de papel ofício e outra de papel pautado), na primeira folha, fizeram uma (re) leitura imagética do poema contido na flor, e só então, deixaram a imaginação fluir e produziram a

releitura em versos. Segundo Paz (1982, p.58): “[...] A palavra em si mesma, é uma pluralidade de sentidos [...]”

As produções escritas mostram a pluralidade perceptiva de cada leitor, que vai usando os recursos que dispunham. As imagens produzidas, com cores leves e suaves, demonstram a criatividade de cada um. Eis as (re)leituras. Uma delas, a partir de *as borboletas* de Vinicius de Moraes.

As flores
As flores
São perfumadas e coloridas
As pretas, rosas,
Vermelhas, azuis,
Branças, roxas,
Amarelas, marrons
Verdes.
Tão coloridas
Que lindas
No meu jardim de flores
Pirulipinpim
 (F, 8 anos)

Os versos simples, porém, caprichosos, cheios de cores e simbologia, a poesia que se compõe como um jardim de cores e perfumes, sendo exalados pelas palavras: “As palavras se conduzem como seres caprichosos e autônomos. Sempre dizem “isto e o outro [...]” (Paz, 1982, p. 59).

Outro participante brincou com os versos de *ou isto ou Aquilo* de Cecília Meireles

Isto ou aquilo
Ou se tem cabelo não tem pêlo.
Ou se tem pêlo não tem cabelo.
Ou se tem piolho não tem miojo.
Ou se tem miojo não tem piolho.
Ou se tem luva não tem chuva.
Ou se tem chuva não tem luva.
Ou se tem sol não tem caracol

*Ou se tem caracol não tem sol.
 Ou se tem borboleta não tem piruete.
 Ou se tem pirueta não tem borboleta.
 Ou se tem quarto não tem quadrado.
 Ou se tem quadrado não tem quarto.*

(A, 9 anos).

Ao compor seu poema, ele usou da dinâmica do texto lido, articulando as palavras sem ficar preso a uma linha reta, criou maneiras próprias de estruturar os versos (re) conhecendo o ritmo, sem prender-se a rimas. Ainda a partir do poema de Vinicius de Moraes, temos a criação de *As Borboletas coloridas*, pela participante (N, 8 anos).

Amarelas

Pretas

Verdes

Branças

Roxas

Rosa

Azuis

Laranjas

*As borboletas azuis são fumfums
 As borboletas amarelas são anedas
 As borboletas verdes são Cleide
 As borboletas pretas são violeta
 As borboletas roxas são tochas
 As borboletas rosas são colas
 As borboletas laranjas fazem banda.*

Ao longo do poema, ela cria efeitos os quais tornam a leitura convidativa, repleta de simplicidade e imaginação. Aquilo que sua essência pode despertar na leitura do texto base, perdurou para que na mesma sonoridade os seus escritos tão singulares recepcionem o leitor de maneira a convidá-lo a continuar.

Segundo esses mesmos aspectos com o poema *direitos da criança* de Rute Rocha a Aluna (M, 9 anos), inventa o *Direito dos adultos*

Direito a trabalhar

Direito a assistir TV

*Direito a ter casa**Direito a ter comida.*

Usando seu repertório discursivo lança mão das palavras para inventar muito mais que um texto poético, mas um chamado social para que todos nós possamos refletir, em todo equilíbrio presente em suas palavras. Segundo Paz (1982, p.203) “Para os românticos o homem é um ser poético. Na natureza humana, há uma espécie de faculdade inata- o poeta, dizia Baudelaire, “nasce com a experiência” que nos leva a poetizar.” A experiência como aprendizagem, conduzindo a poetizar a vida, o espaço, o tempo, lugares, imagens, sonhos e tantas outras coisas.

A saber, foram selecionados apenas algumas produções para aqui serem transcritas a nível de análise, as demais, seguem o mesmo fluxo, a mesma leveza, o cuidado com os versos, e nem sempre a presença de rimas, em momento algum rimar foi uma preocupação para os participantes, pude observar que o maior cuidado ao preparar seus textos, era fazer uso de suas emoções, ideias, vontades, reflexões e sonhos. As produções, foram partilhadas oralmente após concluídas, por ser a oralidade um momento de aprendizagem, oportunizando aos participantes, usar não apenas a voz, mas os gestos corporais como uma segunda voz.

Para finalizar a oficina, os alunos receberam uma missão para além da sala de aula: ir a biblioteca e escolher um livro de poesia, levar para casa, para que pudessem partilhar/ler poesia para/com a família, apresentando-lhes os encantos que os versos podem trazer.

Quarta Oficina: ensaio em versos: Ser poeta e dizer poesia

Iniciou-se à tarde com o círculo de poesia, cada aluno partilhou com os demais o poema escolhido para aquele momento, explicando o motivo da escolha e o que simbolizou partilhar esses momentos em sala de aula e junto a família. Ler poesia é uma forma singular de acolher ao outro.

Em seguida os alunos ouviram que cada gênero textual tem suas características e particularidades, e que para produzi-los é preciso perceber que alguns elementos devem ser levados em consideração: Quem escreve? Com qual finalidade? Para quem escreve? Sinalizando assim, a importância de permitir-se olhar em volta, o próprio espaço social do qual fazem parte, permitindo a si mesmo, criar, imaginar e produzir.

As etapas subsequentes: distribuir duas folhas de papel, uma para rascunho e outra para versão oficial e solicitar que escrevessem um poema, com título será “*O espaço onde vivo*”.

Nas produções os participantes trouxeram imagens de seu dia-a-dia, foram escolhidas algumas produções que pontuam os seguintes aspectos: espaço familiar; o espaço cidade não apenas em termo geográfico

Espaço social familiar: as produções abaixo trazem o próprio lar, como elo de saberes, que a todo o momento vão se (re) construindo.

O espaço onde eu vivo

Ouçõ o chuveiro pingar

A cama toda bagunçada

Como eu vou arrumar

O celular tocando não sei onde está. (K, 9 anos)

Esse “eu” marcado na primeira estrofe, faz referência a um sujeito que se coloca no texto e para além do texto, alguém que se percebe em situações cotidianas, com aparentes situações a resolver “cama bagunçada, como vou arrumar” “telefone tocando, não sei onde está”. Mas, segue no ritmo das palavras pensando esse espaço tão seu. Nessa mesma, percepção:

Eu vivo na terra baiana

E eu acordo de manhã

Vivo acordando e escutando

Barulho do chuveiro do meu pai

Saio correndo no barulho do chuveiro

Eu moro em bairro de terra, ela e chamado de Jacobina 2 porquê? Porque

A terra é tipo baião de dois

eu acho legal mora lá.

Qual o número da casa onde moro?

O número é 4.

(L, 9 anos).

Ao longo dos versos ela cria uma maneira bem particular de brincar com as palavras e rimas, dando assim, uma sonoridade ao seu poema o que aproxima os sentidos de uma musicalidade convidativa “Jacobina dois, tipo baião de dois.” Um “eu” também marcado lançando ao texto informações de sua vida em família, mostrando esse espaço social/familiar

como uma aprendizagem amadurecida e que vai adentrando o texto e se revelando na sua imaginação.

*Quando acordo eu reparo
em tudo que tenho
no meu lar... lá tenho meus pets
minha vida no meu lar é maravilhosa [...](Ma, 8 anos)*

Interessante o “acordar” que Ma usa em seus versos, não é apenas uma palavra, ou gesto de abrir os olhos todas as manhãs, esse acordar é uma forma de dizer “abrir os olhos para a vida”, a vida que acontece todos os dias, e que precisa ser sentida como grande acontecimento de descobertas, de sentir que o lar é mais que um teto que nos protege do sol, da chuva, das tempestades, um lar é reparar o “tudo que tenho”. Segundo Leal e Albuquerque:

[...] O professor, ao estimular o desenvolvimento dos modos de ler a obra literária, além de contribuir para a aprendizagem da literatura, ampliando o acervo textual de cada aluno, seus conhecimentos sobre a história da humanidade, os autores, os estilos, *contribui para o desenvolvimento pessoal, das subjetividades, do “ser no mundo”*, promovendo, ainda, o desenvolvimento de estratégias de leitura que podem ser usadas em muitas e variadas situações de interpretação textual. (2004, p. 94- grifos meus).

O estímulo contribui fortemente para que o leque de conhecimento dos alunos se amplie, permitido que conheçam outros acervos, e saiba usá-los para as suas próprias construções. Quando os participantes das oficinas foram desafiados a criar, eles se sentiram importantes, e muitas voaram encantados com as produções. Na fala em sala alguns disseram: “Que legal, sou poeta.” Mágico a maneira como utilizaram toda sua bagagem para trilhar seus versos, desenvolvendo o pessoal e o social, suas subjetividades desse “ser no mundo”.

O espaço cidade: No poema os recursos utilizados (imagético, verbal) tornam os versos de pleno saber, o espaço vivido é um universo, não se limitou apenas, a definir ou descrever a cidade como espaço geográfico das vivências, para ele espaço é imenso tendo muitas coisas para descobrir e aprender.

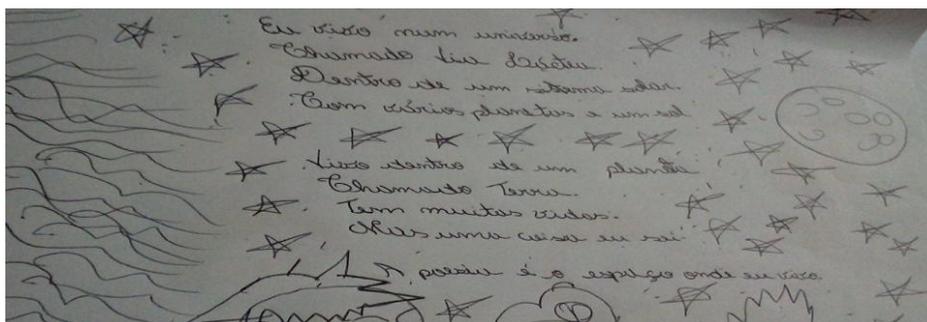


Figura 8: ALVES, 2017. A, 9 anos. Registro fotográfico de produção escrita.

O espaço vivido pelos participantes tem uma extensão além de definições e/ou limitações geográfico, é aquele da sensibilidade, da família, do barulho matinal, do brincar e descobrir as coisas aparentemente comuns, mas cuja extensão é de recomeço diário, afetivo e constante. Nos versos representam afetividades pelas experiências pelas quais passam todos os dias, seja em casa com a família, ao acordar ouvindo o barulho do chuveiro, dos carros na rua, seja na praça no brincar de outras crianças. São tantos e diversos os momentos que ao parar para pensá-los é como se revivessem um a um.

Quinta Oficina: conversas para além dos Versos

Quão mágica seria a vida se todos os dias de nossas vidas, pudéssemos começar ouvindo ou lendo versos, despertando a poesia que existe “dentro” de cada um de nós. Assim, a tarde começou com os versos de Manoel de Barros:

*“O leve e macio
raio de sol
se põe no rio
Faz arrebol...
Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi cartola
e, de um salto
pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro
pelo enramado...
De arrepio, na cerca
já abriu, e seca.”*

Os poemas são atemporais, cada leitor é capaz de direcionar um olhar diferente, fazer leituras distintas, mas todas necessárias, para manter os versos pulsantes no tempo. Assim, existem muitos poetas consagrados, a exemplo, de Carlos Drummond, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Manoel de Barros e tantos outros, que se imortalizam pela força de seus versos, que atravessam as barreiras do tempo chegando até nós. Assim, como todos os poetas citados, existem grandes poetas em nossa cidade e precisam ser conhecidos, ouvidos

e aplaudidos, pela força da poesia. No entanto, muitos ainda estão por aí silenciosos, porém fazendo da caneta e do papel uma tela de escrita.

Pensando na poesia que circula próximo a todos nós, tivemos uma convidada especial, a bibliotecária da escola e poeta Dona Irene. Em uma de suas falas ela diz: “eu não sou poeta.” Ela falou como a poesia surgiu em sua vida, como isso lhe serve de registros de memórias e vida. Os alunos fizeram perguntas, contribuíram refletindo o passado e o presente como se não fossem distantes, mas conectados para além do tempo.

O poeta arranca-se de suas conexões habituais: separados do mundo informativo da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se acabassem de nascer. O segundo ato é o regresso da palavra: o poema se converte em objeto de participação. Duas forças antagônicas habitam o poema: uma de elevação ou desenraizamento, que arranca a linguagem, outra de gravidade, que a traz de volta. (PAZ, 1982, p.47).

Ao se desconectar do habitual, (re) nascem, regressam se elevam em sua linguagem, em tempos distantes, porém presentes, construindo a partir das memórias que não adormecem, mas caminham passo a passo junto de si.

A partir de todas as aprendizagens da tarde, da conversa com Dona Irene os participantes produziram em verso, o tema do poema foi *Poema são Memórias*. Assim, como nas produções das oficinas anteriores, usaram a criatividade e repertório de vida e discurso e se deixaram ir brincando com os versos, como quem brinca na chuva e se deslumbra com tamanho espetáculo.

*Nossa memória
Sempre estará lá
Você como sabia
Dos livros você sempre
Despertará nossa mente.
Na poesia
Há uma grande paixão, paz e vitória no
Fundo do meu coração (V, 9 anos).*

Memória (s) que sempre estará em cada um, precisando apenas que seja despertada, e ele segue trazendo os livros como responsável por “acordar” a mente, fazendo com que cada um seja tocado, pois a poesia é uma grande paixão, do encanto, das vitórias. Poesia é como oxigênio nos faz respirar. Como escreve (Ma, 9 anos): “A poesia nos faz a gente flutuar, nas asas da imaginação[...]” Flutuar pela beleza de recordar algo vivido, Não necessariamente

em um tempo cronologicamente distante, mas algo ocorrido ontem, a poucos minutos, e como “asas” nos permite voar alto e contemplar imagens em ângulos distintos e belezas plenas.

*Eu gostei de ontem
Foi legal porque
a leitura de ontem foi como aula de história a gente deu presente para
D. Irene pois
ela trouxe a poesia
como memória (Y, 9 anos).*

A observação vai além de manter o olhar fixo em algo, ou alguma coisa, vai além de ler um texto repetidas vezes, sem sentir-se por ele atraído. Ao ouvir os relatos de Dona Irene Y foi unindo elementos, informações e criando imagens, e como em um mosaico de palavras, ela deu forma ao seu poema, trazendo em cada verso algo do que ouviu ao longo da tarde, fazendo a sua poesia como memória.

A poesia enquanto espaço de memória, resgata outros momentos vividos que perpassa as fronteiras do tempo.

*com o transcorrer dos anos.
A poesia também é memória,
Quando lembramos de algo
Aquilo pode ser poesia
Poema, como quiser chamar ...
Passado , olho sensação de prazer, talvez
aquela coisa que, não tinha muito apego talvez a memória fique
como cheiro na minha grande memória de menina. (M, 9 anos).*

Memórias que remetem as lembranças do passado, modo de viver, cantar e poetizar, ressaltando a importância das histórias contadas apenas oralmente pelos mais velhos, uma grande sabedoria, para o “agora”.

*A memória é muito importante,
Porque quando você conta a poesia
Nos faz voar no passado...
As pessoas mais velhas contam as poesias que as pessoas na atualidade não sabem.
(I, 9 anos).*

Todos os participantes demonstram perceber como é relevante conhecer as experiências que já passaram algumas não presenciadas diretamente, mas conhecidas de algum modo, por ouvir relatos sejam de conhecidos, familiares mais velhos. Lembranças que vem a tona pela memória que não se apaga. Muitas foram as emoções sabres partilhados durante a tarde, os participantes foram convidados a participarem da última oficina poética.

Sexta oficina - chá poético: Ser e dizer poesia

*Nessa minha narração
Retroagido ao passado
Nasci em Campina Grande
Paraíba do Estado
De onde saí menino
Para cumprir meu destino
Que por Deus foi reservado.
(GUEDES,³ 2015).*

A poesia é um tesouro que conduz a tempos outros, viajar por lugares próximos e distantes, é fazer colorir a vida e o tempo. Poesia é aquilo que vem de dentro e nesse singular sentir, cada poder se torna artista da palavra. Pensando nisso, o espaço foi decorado para a realização do Chá Poético (almofadas, tapetes, baú poético, plaquinhas sala de multimídia). Essa última oficina sintetizou um pouquinho das anteriores, foi pensada para que os participantes não parassem suas viagens aqui, mas continuasse semeando a poesia por outros lugares.

Sabemos que a literatura de cordel, é uma das mais ricas da nossa cultura popular, temos um exemplo lindo de Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros e tantos outros. Aqui nas serras jacobinenses, temos seu Ismael Guedes, o poeta do repente cheio de ternura nos versos. Como nosso convidado especial, abrilhantou a tarde de sol, iluminando os olhos encantados por seus dizeres em cordel.

O técnico em Informática da escola fez a abertura da oficina, falando sobre a poesia em cordel e suas contribuições ao longo do tempo, em seguida o Poeta Ismael falou da sua

³ Ismael Pereira Guedes nascido em Campina Grande Paraíba, reside a muitos anos em Jacobina Bahia. É um Poeta da Literatura de Cordel, em 2015 publicou *Os Cordéis de Vô-* é conhecido por Vô Ismael o poeta do Cordel.

experiência em ser e produzir poesia, o que ela simboliza em sua vida. E cantou o cordel feito para a turma do terceiro 3ºano A, apresentou seu livro para os alunos presenteando alguns com um exemplar de seu livro. Em seguida, recitamos o poema em Cordel “oxente” Cinderela, de Isabelly Moreira de Almeida⁴. (Registros fotográficos em anexos).

Antes de iniciar o recital fizemos algumas orientações:

- ✓ Ler em voz alta, para que todos possam ouvir;
- ✓ Os poemas, “evocam” sentimentos, expressões, emoções, sons, imagens, reflexões e o leitor deve aproximar os demais leitores dessas percepções. Para que o público não tenha um olhar único, mas cada um faça sua inferência.

A produção final das oficinas será foi imagético-verbal, pensar todas as oficinas, pensar o cotidiano e escrever (fazer uma tela também) um poema com título *Onde vejo Poesia*.

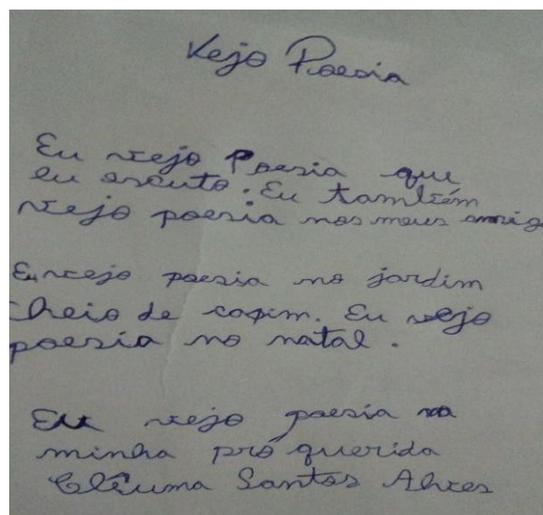
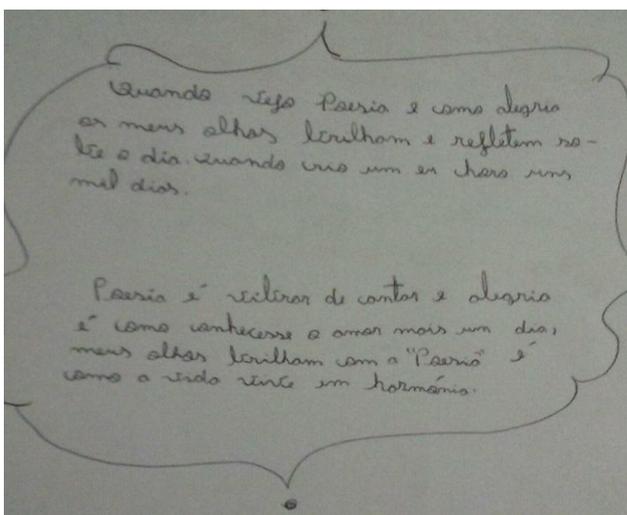


Figura 9: N, 9 anos e F, 8 anos.

A poesia vista por cada um não é algo distante, e sim as experiências cotidianas, sejam em casa, na escola, na rua, com amigos. E conseguir enxergar poesia no mundo/espacos a sua volta é motivo para vibrar e ser feliz. A poesia como encantamento reconhecido nas vozes de cada um e também em seus escritos ao perceberem como valiosa é em suas vidas, pelas infinitas possibilidades no riso, nas conversas, no brincar e cantar.

Eu vejo poesia na escola,

Em casa e outros lugares.

Gosto muito de ver poesia e ler também...

⁴ Poetiza de cordel é de São José do Égito-PE, autora de outros cordéis, como Carta a Tião.

*Vejo também poesia no céu estrelado.
Vejo a poesia na minha família (I, 9 ANOS).*

Sobre isso versa, (S , 9 anos):

*Na nossa casa a poesia
É quando a gente vai tomar café...
Na rua é quando a gente
Vai jogar bola e eles são nossa amiade...
Na escola quando a gente
faz atividade e brinca com
os amigos, na nossa família
é muito bom a gente tem
que acreditar no Brasil.*

Diante do poema, percebe-se que o sujeito fala de um espaço ocupado e percebido por ele, não como um ser individual, mas se é pensado na coletividade, na concivência social escolar, familiar, independente de onde e com quem esteja, é possível vê a poesia germinar, sendo necessário apenas que se permita. Todos os poemas produzidos evidenciam ambientes vivenciados, aliados a emoções que os fazem escrever tranquilamente suas percepções, assim, os versos traem uma linguagem simples, ora bem coloquial, regada de gestos, brincadeiras e expressões comuns ao universo infantil, tão rico ao manifestar seus saberes.

Por fim, todos receberam certificados, ao perceberem o valor por terem contribuído em prol da formação leitora, que foi trilhada de maneira simples, dinâmica e a partir da poesia. Poesia essa, que circula nos lares, nos espaços, na vida social e que precisa apenas ser despertada, e assim, semear encantos que revelam a força presente em cada rosto. A tarde foi finalizada com os encantos da simplicidade de Manoel de Barros.

*“Cresci brincalhão no chão, entre formigas.
De uma infância livre e sem comparamentos.
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.”*

Tais versos escolhidos para concretizar um ciclo de aprendizagens mútuas, de saberes permanentes, registrados em nossas memórias, memórias de caminhos trilhados com afeto, e partilha. A poesia como o pólen da flor, precisa ser espalhada para germinar e florescer. Também consigo ver poesia em todas essas vozes que ao longo das oficinas, foram capazes

de cantar e encantar, nos diálogos, nos silêncios, nos olhares, nas cores pinceladas com pincel, no riso, na admiração diante dos versos do outro, nas escritas de força e subjetividade. A imagem abaixo traduz tudo isso;



Figura 10: ALVES, 2017. Foto/registro da última Oficina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poetizar encontros. A escola como um espaço direcionado à aprendizagem deve ser auto avaliada a todo o momento, no que confere as práticas docentes, assim, como o ser docente também deve ser refletido, como mediar a leitura? De que modo inserir a literatura nas aulas? Como levar os gêneros textuais para discussões? São tantos os questionamentos, porém poucos os direcionamentos dados aos mesmos. Quando inicio esse texto com “*Poetizar encontros*”, é exatamente como enxergo o estar em sala de aula, um espaço composto por quatro paredes, porém tão rico em diversidade de afetos e saberes, e existe aí a maior poesia do encontro.

A partir dessas reflexões e dos dados gerados ao longo desta pesquisa, retomo a problemática deste trabalho para tecer as considerações finais. De que forma a poesia pode contribuir para o processo de formação de subjetividades leitoras?

Afim, de perceber os erros e/ou acertos, bem como se os objetivos propostos foram alcançados, procurei concentrar as observações, discussões teórico-pessoais e reflexões a partir de quatro palavras: leitura, literatura, poesia e subjetividade, cada uma delas em suas particularidades e distinções, palavras que se conectaram em prol de aprendizagens que foram além.

Quando se pensa no sujeito e sua formação leitora, não podemos nos limitar e nem os limitar nossos alunos apenas como decodificadores de códigos linguísticos, é essencial permitir que esses infiram suas concepções, fazendo de cada espaço um contexto de produção social discursiva. Seja na escola, em casa junto à família, ou em outro espaço de circulação. Partimos do princípio que os caminhos existem para serem percorridos com tranquilidade, no entanto, para que isso aconteça, é fundamental pensar e praticar esses espaços de construções, contribuindo assim para as transformações dos sujeitos atuantes.

A leitura como uma prática social, por meio da qual o sujeito constrói e desconstrói e vai socializando seus saberes, de modo a interagir com o texto que o inquieta, e a dialogar com o “outro”, pois seu olhar discursivo é acionado, para que possa refletir seus próprios valores e crenças. A leitura aqui não como uma regra a ser seguida, mas uma perspectiva e desafio, presenciada e estabelecida sem muros que impossibilitem enxergar “o outro lado”. A todo o momento um questionamento perdurou “Quem é e/ou quem são os leitores?” apenas seres a

“passar” os olhos em um texto? Ou aquele capaz de mover-se, partindo em busca de novos saberes?

Diante de tais indagações, as oficinas ministradas, foram pensadas de acordo com a diversidade dos quinze colaboradores, para que todos pudessem se sentir participantes e essenciais do desenvolvimento de cada uma das etapas. Afinal, foram eles (os colaboradores) responsáveis por tornar possível esse trabalho. Não escrevi aqui a biografia de cada um deles, mas temos um registro das marcas e sabedoria de cada um.

Ser leitor na sociedade contemporânea vai muito além, e pensando no ter “condições de narrar sua história”, que as análises deste trabalho foram desenvolvidas, os colaboradores tiveram aqui suas “falas” (re) lidas com o olhar de alguém que pesquisou e vivenciou cada momento.

Durante a convivência foram partilhados saberes mútuos, ao tempo que também fui “aprendente” nessa viagem poética. A leitura literária semeada em sala de aula foi para além das paredes da escola. Ela (a literatura) tem esse poder de tocar e acolher. De modo, amplo a literatura é capaz de *transformar*, permitindo que outras histórias, tempos, culturas, memórias sejam (re) conhecidas, ampliando a competência discursiva dos leitores, ao tempo que encanta, possibilitando a cada um ampliar seu repertório, compreendendo o mundo com mais autonomia, ao tempo em que percebe que ler é indispensável e direito humano.

No que confere a realização das oficinas os participantes conseguiram desenvolver a proposta das mesmas, ressaltando que em momento algum o objetivo dessas oficinas, foi perceber o domínio da escrita e suas normas, mas sim, aguçar o subjetivo de cada um. Em suas produções, eles conseguiram criar *a partir* o que foi proposto. Constatei que conseguiram unir suas percepções e imaginação no momento de estruturar os versos com delicadeza e cuidado, unindo elementos sonoros, imagens e cores, que deram fluidez ao texto.

O criar poemas foi para eles algo desafiador, porém de puro encanto, sentiram-se poetas e poetizas que tecem sem medo de recuar, intervindo na própria escrita. As produções não se restringiram a meros amontoados de palavras soltas, houve o cuidado de brincar com os versos para ritmá-los no compasso da imaginação, unindo a realidade de seu cotidiano a elementos sonoros dinâmicos de percepção de espaços cuja simbologia foi do sentir.

Experimentaram na prática a vida e seu contexto, despertando as emoções através das quais trilharam representando o mundo com outros olhos.

Os textos por eles produzidos, foram bem enfáticos, utilizaram da criatividade, ao pensar o dia-a-dia, não se distanciaram em momento algum da escrita, as vozes do “eu” estabeleceu relações de proximidades entre os colaboradores e o texto, pelas experiências e sentimentos de descoberta, encanto, alegria, dúvidas e (in) *certezas* foram responsáveis em ampliar a percepção de si, do outro e do mundo. A interação e envolvimento em todas as etapas das oficinas foram extremamente significativas, alcançamos de modo singular os objetivos propostos neste trabalho, bem como os específicos, ao final da última oficina, observei que os participantes uniram curiosidade, desejo, e sensibilidade, para interagir com as leituras e com os demais participantes, e tudo isso, só foi possível por terem se permitido exteriorizar seus saberes.

No entanto, o trabalho com a poesia em sala de aula, ainda deve ser algo repensado, no sentido de abrir mais espaço para que os leitores tenham acesso ao gênero e sintam-se sempre convidados a ler mais e mais. Exatamente por ter essa característica, o gênero poema permite-nos ir além, é possível trabalhar a oralidade, a escrita a interpretação partindo da essência maior – a subjetividade - o sentir. Que tais leituras, não sejam restritas, mas tenham voo pleno e ultrapassem os muros da escola, chegando a outros espaços afetando outras pessoas, sendo semeados e semeando encantos.

No atual cenário social é preciso criar ambientes confortáveis e acolhedores de formação leitora, pensando-se em sujeitos críticos, e cuja autonomia lhes permita encontrar na realidade, subsídios de refletir a vida. Os momentos poéticos são essências por provocar o sujeito a demonstrar suas inquietações, as vozes não se silenciam, mas passam a ser ouvidas, através da poesia que emana de cada um. Todas as pessoas são capazes de despertar sua subjetividade, e suas falas serem acolhidas. Assim, durante as oficinas, presenciei saberes plurais, fortalecidos pela troca entre os participantes, experiência que se materializou em suas produções escritas, e hoje são registros na memória e história de cada um.

Por fim, esse estudo contribuiu para se refletir a poesia na formação da subjetividade do leitor, nas classes do fundamental I, no entanto, essas reflexões podem ser feitas em outras esferas. Sua relevância é essencial, pois não observei um lugar distante, e sim um lugar que ocupo diariamente, foram momentos de deleite, de discussões para além do chão da escola.

Entre verso, falas, risos, rimas, cores a poesia despertou, agora rizomas indissolúveis do tempo. Que nunca nos falte poesia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, ROLAND: **Rumores da Língua**; Prefacio Leyla Perrone-Moisés; tradução Mario Laranjeira; Revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva.- 2º Ed.- São Paulo: Martins Fontes,2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola. 2008.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e Literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos Humanos E... Cip/ Ed. Brasiliense, 1989.

CERTEAU, Michael: **A arte de Fazer - Invenção do cotidiano**. ALVES, Ephaim Ferreira (tradução).- 3º Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 1998.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: Ibepex, 2007.

COSSON, Rildo; *et al.* **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. E.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DALVI, M.A; REZENDE, N.L; JOVIER- FALEIROS (org). **Leitura e Literatura na sala na escola**. São Paulo, S.P. Parábola, 2013.

FREIRE, Paulo: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**.- 45 ed..- São Paulo, Cortez,2003.

FOUCAULT, Michael: **Outros Espaços**: <http://www.uesb.br> Acessado em 18/09/2017 às 19h30.

_____. **As técnicas de Si**. NEVES, Karla, NASCIMENTO, Wanderson Flor. 1994, Vol. IV pp. 783-813.

GERALDI, João Wanderlei et al.(orgs). **O texto na sala de aula**. 3 ed. 7º reimpressão. São Paulo: Ática, 2003.

GERBARA, A. E. L.**A poesia na Escola: leitura e análise de poesia para criança** .3 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método da Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural SEAD/UFRGS.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIROTO, Cyntia Graziela G. S, SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégias de Leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem**. In:_____(org). São Paulo: Mercado das Letras, 2010.p,45-112.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. -8º Ed.Rio de Janeiro.Record,2004.

GOZÁLES REY. **O sujeito e subjetividade: uma aproximação histórica-cultural.** São Paulo: Thomson Pioneira,2003.

GUATTI, Feliz. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. São Paulo. Ed.34, 1992.

KATO, Mary Aizawa. O aprendizado da leitura. 5° Ed.- São Paulo: Martins Fontes. 1999.

KLEIMAN, Ângela: **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** -6ed-Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

_____. **Oficina de Leitura-Teoria e Prática.** - 13ed, Campinas, São Paulo. - Pontes Editores, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura, para a leitura do mundo.** São PAULO. Ática; 1993.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliane Borges Correia de. **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação; abordagem qualitativas,** Marli E.D. A André.- São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros Textuais; definição e funcionalidade.** IN: **Gêneros Textuais & ensino;** DIONISIO, A.P; MACHADO,A.R. e BEZERRA,M.A.(org).- 2 ed.- Rio de Janeiro: Lucena.2002.

_____(2008)**Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo. Parábola.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** - 5. Ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

MICHELETTI, Guaraciaba (cood.). **Leitura e construção do real: O lugar da poesia e da ficção.** 3. ed. São Paulo: Cortez. 2002.

PAIVA, Aparecida. et al. **Leituras Literárias : discursos transitivos.-** 1. Reimp.- Belo Horizonte: Caele; Autêntica,2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Língua Portuguesa. Ensino. Fundamental. Terceiro e quarto ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

PAZ, Otavio. O arco e a Lira: Tradução de Olga Savary.- Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1982.

QUINTANA, Mário. **Poesias Completas. Rio de Janeiro:** Editora Nova Aguilar. 2006.

DEPIETRI, Émerson. Práticas de Leitura e elementos de atuação docente.2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6° ED. Porto Alegre. Artmed, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização; as muitas facetas.** 26° Reunião Anual da Anped, 2004.

Apêndice A

Estrutura/ desenvolvimento das Oficinas

Oficinas de Leitura: A poesia para além da *minha sala*

“A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras.”

(José Paulo Paes, *livro é isso ali*).

Sensibilizando: Na véspera da 1ª oficina entregar convites para que os alunos participem da aventura poética.

1ª Oficina: A poesia no chão da minha escola:

Montar uma árvore Poética, com poemas de alguns autores selecionados para serem vozes durante a realização das oficinas, e à medida que as oficinas forem acontecendo os alunos auxiliarão que a árvore dê novos frutos (eles poderão fixar poemas que gostem), além disso, em um cantinho da sala ficará exposto o baú das fotos e biografias dos poetas dos poemas que estarão expostos na árvore, o cantinho será intitulado pelos alunos.

1º Momento: Montar o cantinho da leitura e abrir uma roda de conversa, explicar para os alunos que, juntos viajaremos pelo universo da leitura poética.

2ºMomento: Ouvir os alunos sobre o que conhecem do gênero: Gostam de poema? Já participaram de momentos leitores com esse gênero? Leem poema com frequência? Alguém na classe já escreveu poema? Você conhece alguém que escreva?

3ºMomento: Depois entregar um pedaço de cartolina em branco, e pedir que fechem os olhos e escutem a música *Meninos*, de Xangai tentem imaginar as cenas, os sons, os movimentos se permitam viajar no ritmo.

4ºMomento: Agora, cada aluno irá utilizar a tinta e o pincel e farão sua tela, a música ganhará forma a partir das mãos que emanam subjetividades.

Oficina 2: Falando de Poesia



“A poesia sensibiliza qualquer ser humano. É a fala da alma, do sentimento. E precisa ser cultivada.”

(Afonso Romano de Sant'Anna).

Acolher os alunos recitando a poesia *Tem Tudo a Ver* de Elias José. Usando a voz, a sonoridade e o ritmo do corpo, para que os alunos se deixem sentir os encantos desse uniVERSO que aquece e se faz presente no cotidiano.

*A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.*

*A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.*

*A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arcoíris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.*

*A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.*



Feito isso questionar os alunos, se já se perguntaram o que é poesia? Se assim como no poema recitado conseguem enxergar poesia no cotidiano, nas ações diárias, seja em casa, na escola, com os amigos.

Depois de ouvir as inferências explicar que:

Seguindo Maria Lajolo no prefácio de seu livro “Palavras e encantamentos”⁵

Um poema é um jogo com a linguagem.

Assim, as palavras soltas, ritmadas, desenhadas, em todas as suas formas, são capazes de dizer uma infinidade de coisas, de fazer o leitor refletir a partir do encontro (texto e leitor). A poesia nasce e é semeada para os leitores em ritmo e sonoridade convidando-os a caminhar no tempo, na brincadeira, no fantástico.

É IMPORTANTE Sinalizar as diferenças entre o poema e a poesia:

A **palavra poema** deriva do verbo grego *poein*, que significa “fazer, criar, compor”. É inquestionável a importância da literatura grega, bem como sua influência nas composições literárias posteriores. Na Grécia Antiga, os gêneros literários – gêneros épico, lírico e dramático – eram todos considerados poemas. Entre esses textos inaugurais estão os poemas de Homero nas obras *Odisseia* e *Ilíada*, os primeiros grandes textos épicos da cultura ocidental. Na literatura contemporânea, os poemas de formas fixas, como o soneto e a sextina, cederam espaço para formas menos convencionais ou nada convencionais (vide os poemas concretos), que abandonaram a métrica e adotaram o verso livre, nos quais a palavra e seus significados são o substrato do poema.

O **poema é, portanto, um gênero textual** que apresenta delimitações, tal qual os demais gêneros do universo literário, como o conto e a crônica. Mas para a poesia (que pode estar contida ou não no poema, haja vista que nem todo poema é dotado de lirismo e beleza) não existem limites, por isso, faz-se importante salientar as **diferenças entre o poema e a poesia**. Em não raras situações um texto poético esbarra na compreensão de seu leitor, que pode subaproveitar suas imagens, sua musicalidade e suas metáforas. Por isso, a poesia depende da percepção de quem lê um poema, de quem observa uma pintura, de quem ouve uma música ou assiste a uma peça de teatro ou a um filme. Diferente do poema, que existe enquanto gênero textual, a poesia só existe se percebida – e sentida – pelo receptor. (Disponível em: <https://www.significados.com.br/poema/>).

⁵ A poesia como um caminho de deleite para formar leitores ativos e encantados por esse universo de infinitos encontros. Novas leituras, novos leitores: nosso desafios: (Disponível em: <http://povosleitores.blogspot.com.br/2011/05/poesia-tem-tudo-ver.html>. Acessado em 20 de setembro de 2017 às 23hs)

A etapa seguinte será a entrega de um questionário, intitulado uma conversa para além dos versus. A objetiva-se com esse perceber o interesse pela leitura em sua diversidade de gêneros, suas preferências, para então adentrar ao gênero poesia e perceber sua proximidade e/ou distância com o mesmo. Todas as perguntas serão lida pela ministrante da oficina, a fim de que os alunos tirem dúvidas em relação a algum enunciado que por ventura não tenha sido compreendido pelos mesmos.

Para finalizar a oficina do dia, a sala será dividida em duplas. Será feita a leitura do poema *Oficina de Poesia*, de Sérgio Vaz.

"o que é poesia?" O menino me perguntou.

"Poesia é a forma diferente de olhar as coisas."

Eu perguntei:

"o que tem na minhas mãos?"

"Água." Todos responderam.

Perguntei de novo

"o que tem nas minhas mãos?"

"água."

Perguntei mais uma vez, só que desta vez alguém lá no fundo disse

"mar"

do outro lado alguém disse

"Chuva"

"enchente"

"lágrimas"

"Vida"

"suor"

"refrigerante"

"suco"

"banho"

etc.

etc.

etc.

Aí, eu disse:

"Pera lá, mas agora pouco não era só um copo de água?"

"ha, ha, ha, ha, ha, ha..."

E todos nós rimos como se a dor não existisse.

E a água da poesia quase afogou meus olhos.

O Coração já tinha transbordado há muito tempo.

(Sergio Vaz.)

O desafio é, cada dupla receberá uma folha de papel, para participar do desafio poético, que consiste em: deixar a imaginação fluir e criar uma releitura do poema lido.

Por fim, cada dupla apresentará aos demais seus poemas.

Até o próximo encontro. A poesia nos move...

***O mundo precisa colorir-se de
POESIA...***



3º Oficina: Vamos brincar de Poesia?

Iniciar a tarde com a leitura do Poema O que os olhos não veem de Rute Rocha. Para esse momento a sala deve estar organizada em círculos, pois todos irão participar. A docente inicia a leitura e a pasta poética vai passando até que todos tenham feito sua contribuição.

Logo, após pedir que os alunos resignifiquem o que foi lido.

- ✓ O título já lhe mostrou pistas do que o poema iria abordar?
- ✓ Se você fosse coautor do texto você mudaria alguma coisa? O que?

O segundo momento do dia será um convite: Cada aluno deverá ir a árvore poética e escolher uma flor. Depois irão fazer leitura silenciosa.

Em seguida teremos três etapas:

A docente entregará duas folhas (uma de papel ofício e outra de papel pautado), na primeira folha, eles irão fazer uma releitura imagética do poema contido na flor retirada da árvore, por isso que é importante a leitura atenciosa de cada verso.

Em seguida, é hora da releitura em versos, os alunos deverão recriar um novo poema a partir do escolhido por eles.

Depois apresentarão para os demais, dizendo como foi ser autor, qual a sensação?

Para finalizar a oficina, os alunos terão uma missão para além da sala de aula:

Irão até a biblioteca da escola escolher um livro de poemas, para levar para casa, pois a noite irão ler para a família, apresentando-lhes os encantos que os versos podem trazer.

Além disso, deverão selecionar um poema para próxima oficina.

Até a próxima. Pois teremos ensaios em versos

4º Oficina

Ensaio em versos: Ser poeta e dizer poesia



Iniciaremos à tarde com nosso círculo de poesia, cada aluno irá ser leitor e falar um pouco do poema selecionado, do porque foi escolhido e como tem sido partilhar esses momentos em sala de aula e junto a família.

Em seguida esclarecer para os alunos que cada gênero textual tem suas características e particularidades, e que para produzi-los é preciso perceber que alguns elementos devem ser levado em consideração:

Quem esquece?

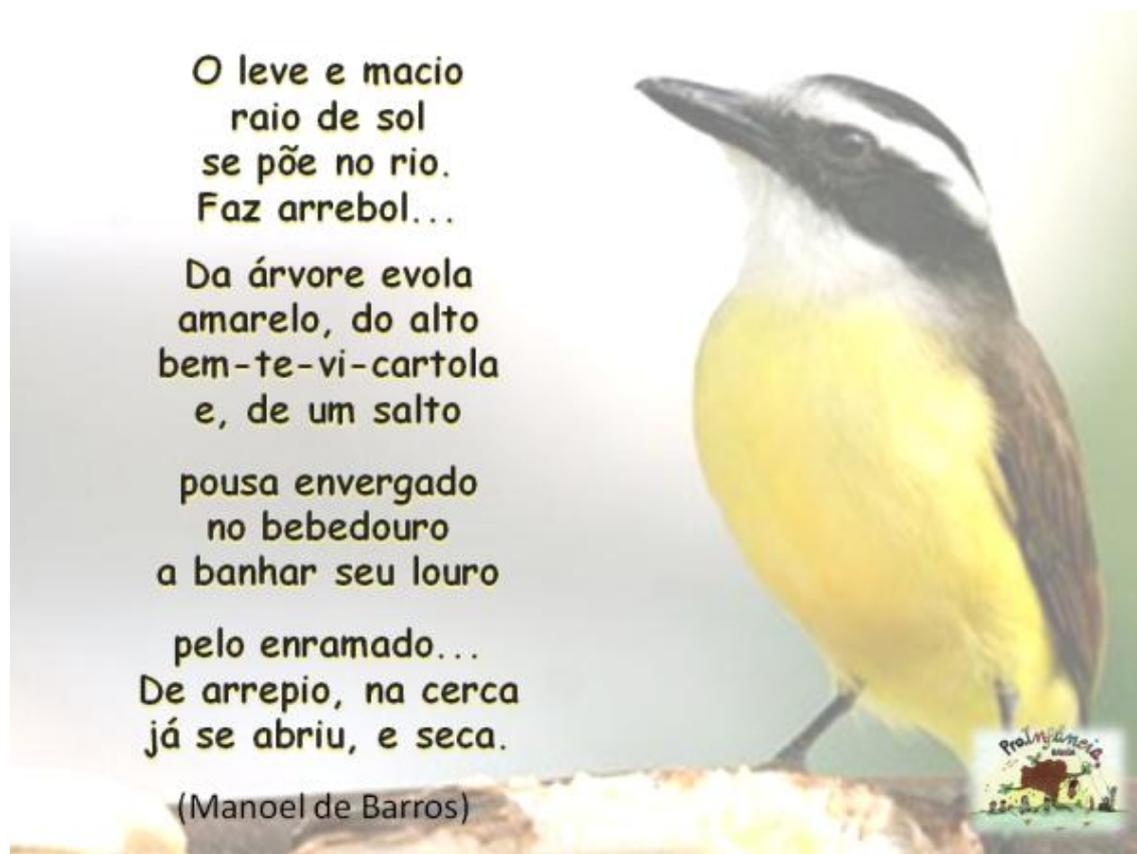
Com qual finalidade? Para quem escreve?

E tantas outras, e que antes de tudo é necessário permitir-se olhar em volta e a partir do próprio espaço criar e recriar deixando a imaginação fluir.

- 1- Distribuir duas folhas de papel, uma para rascunho e outra para versão oficial e solicitar que escrevam um poema, cujo título será "O espaço onde vivo".
- 2- Explicar que é importante fazer rascunho, pois pode fazer posteriores alterações antes da versão definitiva.

5º Oficina: Conversas para além dos Versos:

Iniciar o dia com a leitura do poema:



Explicar para os alunos, que os poemas são atemporais, que cada leitor é capaz de direcionar um olhar diferente, fazer leituras distintas, mas todas necessárias, para manter os versos pulsantes no tempo. Sinalizar que existem muitos poetas consagrados, a exemplo de Carlos Drummond, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Manoel de Barros e tantos outros, que foram poetas e se immortalizam porque o leitor existe e não deixa sua poesia acabar. E assim, como esses e tantos outros nomes, importantes na nossa cidade, região também existem grandes poetas, muitos ainda silenciosos, para que fazem da caneta e do papel uma tela de escrita.

Para enriquecer a tarde teremos uma convidada especial, a bibliotecária e poeta Dona Irene.

Ela falara um pouco como a poesia surgiu em sua vida, como isso lhe serve de registros de memórias e vida.

Abrir espaço para perguntas.

A produção escrita do dia será: Produzindo versos

A partir do diálogo da tarde, da visita da poeta Irene, deixem que as ideias nasçam e registrem no papel. O tema do poema será *Poema são memórias*.

Por fim, cada um irá ler para turma.

Convidar a todos para se fazerem presentes na última oficina.

6º Oficina:

Chá poético: Ser e dizer poesia



Sexta Oficina: Chá poético: Ser e dizer poesia

A poesia é um tesouro que conduz a tempos outros, viajar por lugares próximos e distantes, é fazer colorir a vida e o tempo, e cada um torna-se artista da palavra. Assim, o espaço foi decorado para a realização do Chá Poético (almofadas, tapetes, baú poético, plaquinhas sala de multimídia). Pensando na etapa final das Oficinas, o poeta cordelista Ismael Guedes Pereira foi convidado, para abrilhantar a tarde com seus dizeres em cordel.

Para essa oficina dói selecionado o poema poema em Cordel oxente Cinderela, de Isabelly Moreira de Almeida, houve ensaios para o recital ao longo da semana. No dia, Cada aluno foi convidado a pegar um envelope dentro do baú, dentro do baú estava plaquinhas com fragmentos do poema. A docente/pesquisadora também participou do recital.

Antes de iniciar o recital algumas orientações:

- ✓ Ler em voz alta, para que todos possam ouvir;
- ✓ Os poemas, “evocam” sentimentos, expressões, emoções, sons, imagens, reflexões e o leitor deve aproximar os demais leitores dessas percepções. Para que o público não tenha um olhar único, mas cada um faça sua inferência.

O técnico em Informática da escola fez a abertura da oficina, falando sobre a poesia em cordel e suas contribuições ao longo do tempo, em seguida o Poeta Ismael falou da sua experiência em ser e produzir poesia, o que ela simboliza em sua vida. E cantou o cordel feito para a turma do terceiro ano A, apresentou seu livro para os alunos. Os alunos foram presenteados com um exemplar de seu livro.

A produção final das oficinas será foi imagético-verbal, pensar todas as oficinas, pensar o cotidiano e escrever (fazer uma tela também) um poema com título Onde vejo Poesia.

Por fim, todos receberam certificados, por terem contribuído em prol da formação leitora, que foi trilhada de maneira simples, dinâmica e a partir da poesia. Poesia essa, que circula nos lares, nos espaços, na vida social e

que precisa apenas ser despertada, e assim, semear encantos que revelam a força presente em cada rosto, que amará subjetividade.

E sobe os encantos do poeta da simplicidade, Manoel de Barros:



**"Cresci brincando no chão, entre formigas.
De uma infância livre e sem comparamentos.
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação."**

Manoel de Barros

Apêndice B

Questionário: Uma conversa para além dos versus

Uma conversa para além dos versos



Meu nome é _____.

Sou aluno do _____ ano do fundamental I.

Vamos lá!

1-A leitura é um encontro que possibilita ao leitor voar alto, nas asas da imaginação. E você gosta de ler? Qual a importância da leitura na sua vida?

2. Cada leitor se agrada mais de determinado tipo de leitura, e viaja nos seus encantos. Que tipo de leitura mais lhe agrada? Assinale a alternativa correspondente:

a) Narrativas

e) Mistério

c) Contos

d) Poemas

3. Em suas leituras, na escola, em casa com sua família, você já leu poema? Conte um pouco...

4. Existem muitos poetas, a exemplo de Cecília Meireles que escrevem e encantam pela ternura e encanto em cada verso. Você saberia dizer o nome de outros poetas que você conhece? Onde você o conheceu, em livros, revistas, na internet, por indicação de alguém?

5. Durante a leitura de um poema, você deixa a imaginação fluir? Consegue compreender aquilo que lê?

6. A leitura consegue criar elos entre texto e leitor, você enquanto acha que os poemas conseguem de alguma maneira tocar as pessoas fazendo-as refletir sobre a vida? Conte um pouco

9. Na escola você e seus colegas já utilizaram poemas nos momentos de leitura em sala de aula ? Conte como foi.

10. Você como leitor acredita que para ter um bom desempenho literário é preciso compreender aquilo que lê? Explique.

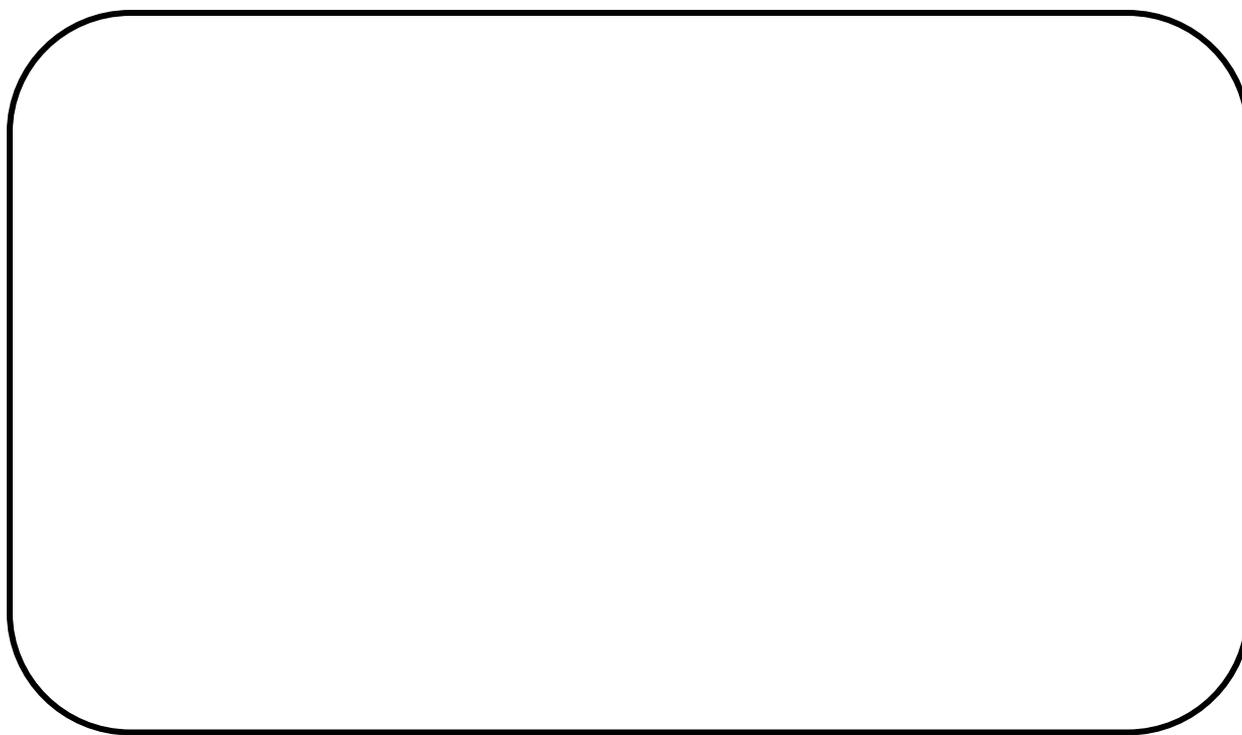
11- Você já escreveu poemas em algum momento? Como foi para você ser autor de seus próprios versos?

12- Em algum momento de sua vida você já conheceu alguém (pessoalmente) que escreva poemas? Como você se sentiu?

13- Cada leitor é capaz de ser autor de seus próprios textos, se você fosse escrever um poema hoje e dedicar para alguém, para quem seria? Explique.

Para finalizar Escreva uma frase que defina poema para você

Agora ilustre sua frase



ANEXOS

ANEXO A: Alguns poemas utilizados na árvore poética

A Bailarina
Cecília Meireles

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.
Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá.
Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.
Roda, roda, roda, com os bracinhos
no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.
Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.
Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as
outras crianças.



Mirfa Lima

O DIREITO DAS CRIANÇAS

CRIANÇA TEM QUE TER NOME
CRIANÇA TEM QUE TER LAR
TER SAÚDE E NÃO TER FOME
TER SEGURANÇA E ESTUDAR.

Ruth Rocha



Artes Dalora

<http://mandimdasartes.com.br>

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.

(Vinícius de Moraes)

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.

O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral

nas colunas da colina.

(Cora Coralina).

ANEXO B: Produções escrita dos colaboradores

O espaço onde eu vivo"

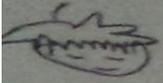
O lugar onde
onde eu vivo é legal
Minha casa é muito
bagunçado eu arrumo
todos os dias. O mundo
é bom porque é muito
retratado quando eu viajo
eu percebo sua beleza
ao dar para os lados

O espaço onde eu vivo

O espaço onde eu vivo
é um grande lugar
mas, a minha liberdade
não tenho privacidade
no meu lar
Na vizinhança quase não tem
mais lá todo mundo já
tem...

O espaço onde vivo

O espaço onde vivo é um lugar muito lindo
que tem várias pessoas que vivem e brincam
e cantam várias músicas e dançam e brincadeiras
brincadeiras e várias brincadeiras de parte
que passo todo dia junto com a alegria
de ir pulando e dançando.



Vejo poesia



Eu lembro que a poesia.

Eu sempre lembro a mão na pia.
Dentro de uma casa.

A poesia eu fiz parte da família.
Mas o que eu mais queria.
Eu queria todos cheios de alegria.

A poesia está em meu coração.

Lembrarei com minhas mãos.
E lutarei pela poesia até o chão.

Vejo Poesia

Eu vejo Poesia que
eu acredito. Eu também
vejo poesia nos meus amigos.

Eu vejo poesia no jardim
cheio de rosas. Eu vejo
poesia no natal.

Eu vejo poesia na
minha pra querida
Glória Santos Alves

"Poesia como memória"

Em um dia muito bonito
eu ouvi uma poesia muito linda,
que conquistou a minha vida...
Que mostrava que vida
é uma poesia de alegria o o o

"Poesia como Memória"

Poesia também é memória,
quando lembramos de algo

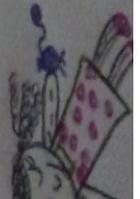
aquilo pode ser poesia
poema, como quiser chamar

As vezes me pergunto se
os versos podem virar
poesia e aí vejo vários
versos e logo lá virou me-
mória.

Passado, seja com semca-
ção de prosa, talvez aqui-
es coisa que, não tinha
muito afeto talvez
a memória fica
como cheiro na
memória grande
memória de memória.

"TAC"

"XIC"



ANEXO C: Fotos/ momentos das oficinas



